



ACTION ★ LSHOES

LLS.1992.CO.
★★★★★

LLS.1992.CO.
★★★★★
LULULEMON
SHOES



Paulo
Kid

LLS.1992.CO.
★★★★★

LLS.1992.CO.
★★★★★
LULULEMON
SHOES



WOMEN'S X NOVEMBER

LULULEMON SHOES COMPANY SINCE 1992

TODA NATUREZA A SEUS PÉS

Gamboa



- GEO TERRA
- △ AIRE AR
- ⊕ IRES FOGO
- ⊖ AGUA ACUA

Gaia é o nome que os gregos deram à deusa Terra. A moderna teoria de Gaia é fundamentada no trabalho pioneiro dos cientistas James Lovelock e Lynn Margulis. Eles consideram a superfície da Terra e a biosfera um sistema fisiológico, um "superorganismo". Segundo essa teoria, a Terra e a mitológica Gaia são reguladas por um processo evolucionário que ao mesmo tempo que funciona como a origem e o sustento da vida, torna-se impiedoso com as transgressões ambientais.

Segundo a Teoria de Gaia, a Terra não é um planeta morto, feito de rochas, oceanos e atmosfera inanimadas, meramente habitado pela vida. A Terra é um organismo vivo, um ser planetário vivo. A superfície da Terra, que sempre consideramos o meio ambiente da vida, é, na verdade, parte da vida. E essa nova forma de perceber o planeta gera poderosos efeitos sobre a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente natural.

Na prática, a teoria de Gaia afirma que a vida de cada um de nós, assim como a de toda Gaia e cada uma de suas espécies, são interdependentes. Ao poluímos nosso planeta, estamos poluindo a nós mesmos; ao cuidarmos de nós mesmos, estamos cuidando de nosso planeta. A filosofia de Gaia procura um saudável e dinâmico equilíbrio entre a Terra e os homens, levando em consideração nossa individualidade, nossa vida em sociedade e todos os nossos empreendimentos.

Em resumo, todos os nossos atos geram consequências que interferem na rede da vida do Planeta. O ser humano passa a ser considerado parte integrante de um complexo sistema de vida do planeta Gaia e não um mero observador. No organismo de Gaia, nós, humanos, individualmente somos apenas células de um de seus tecidos e como tal, temos que manter o bom funcionamento em relação ao todo.

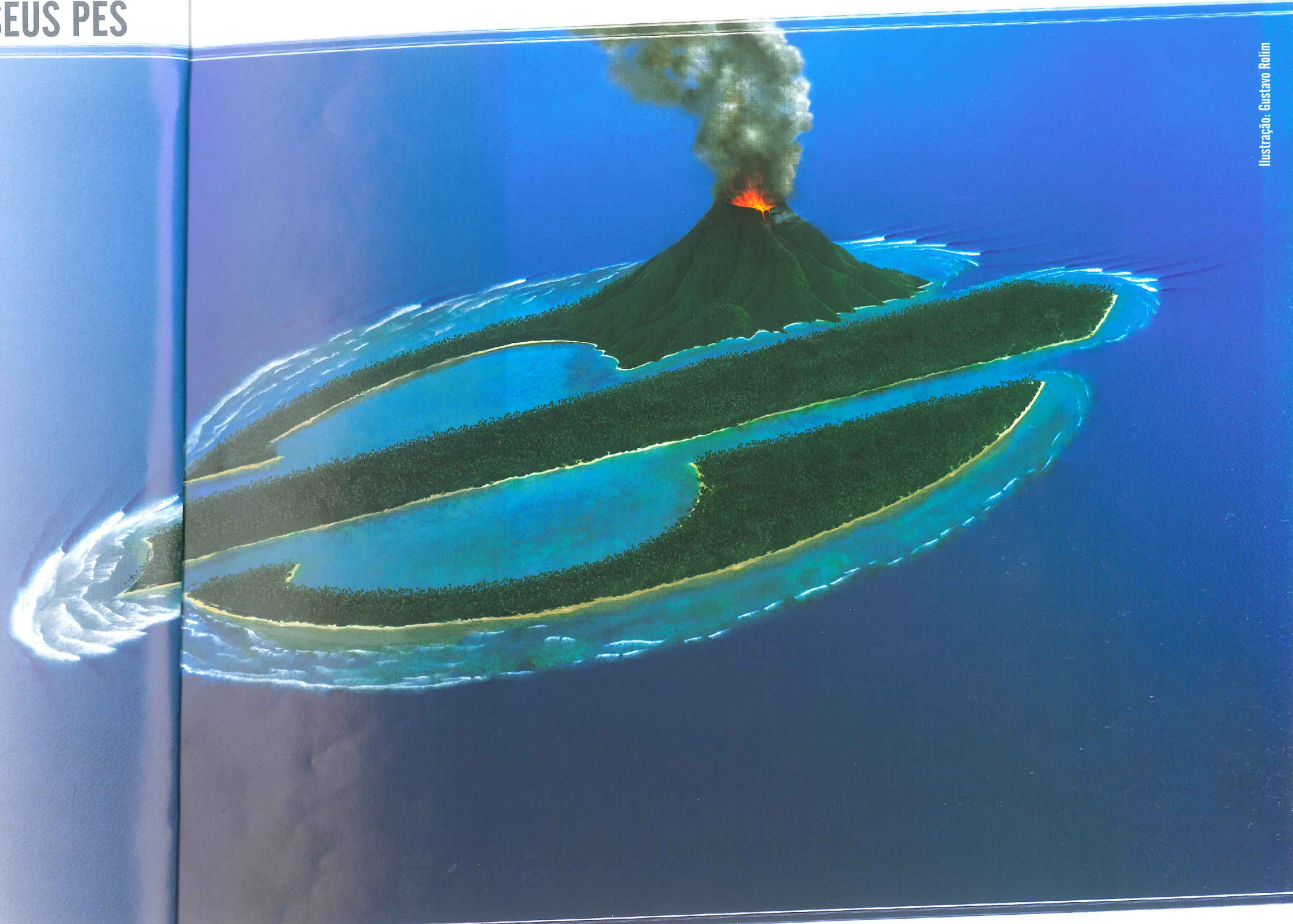


Ilustração: Gustavo Rolim



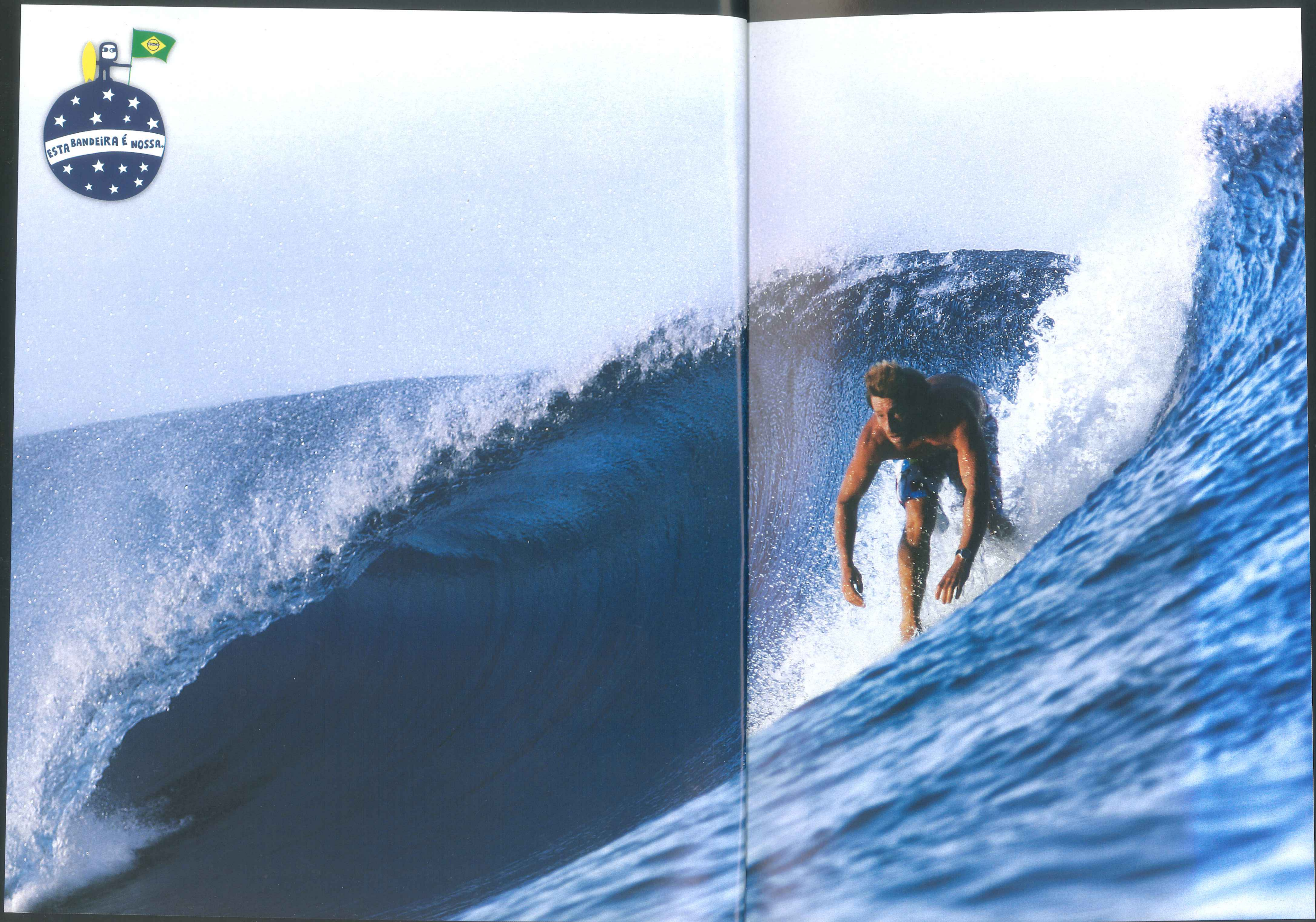


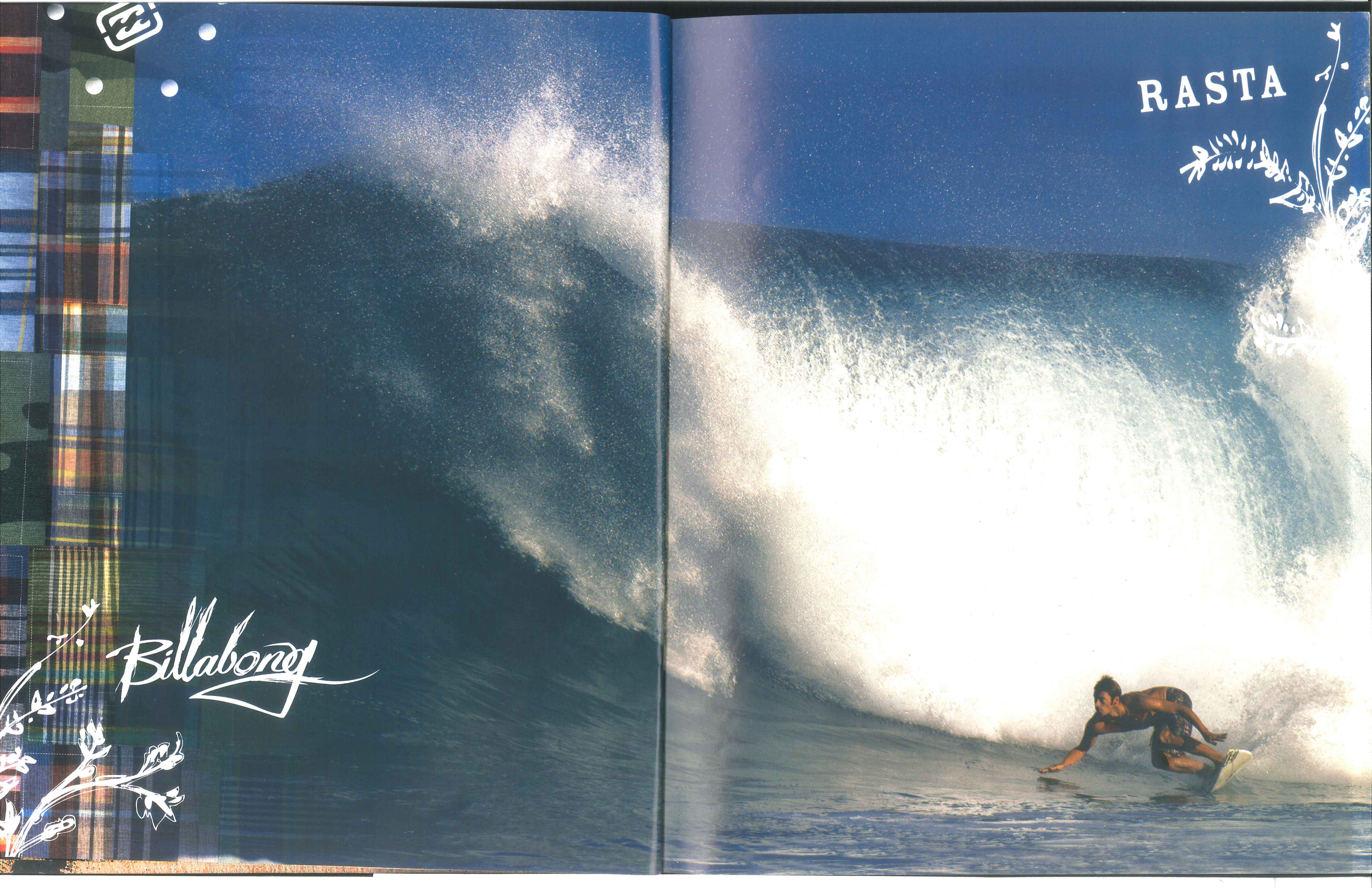
SOUTH TO SOUTH



**ALEMÃO
DE MARESIAS**

FOTOS: ALBERTO



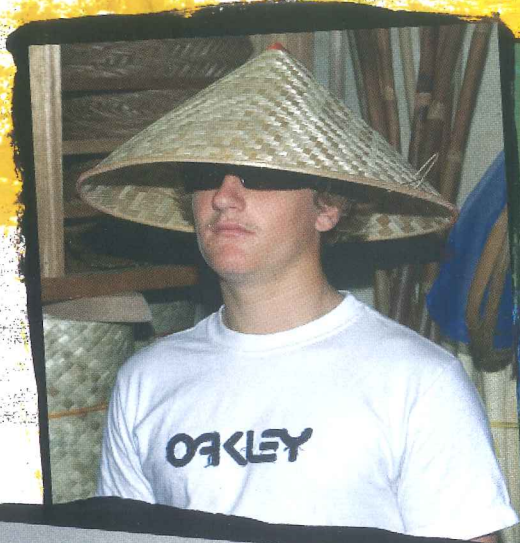


RASTA



Billabong

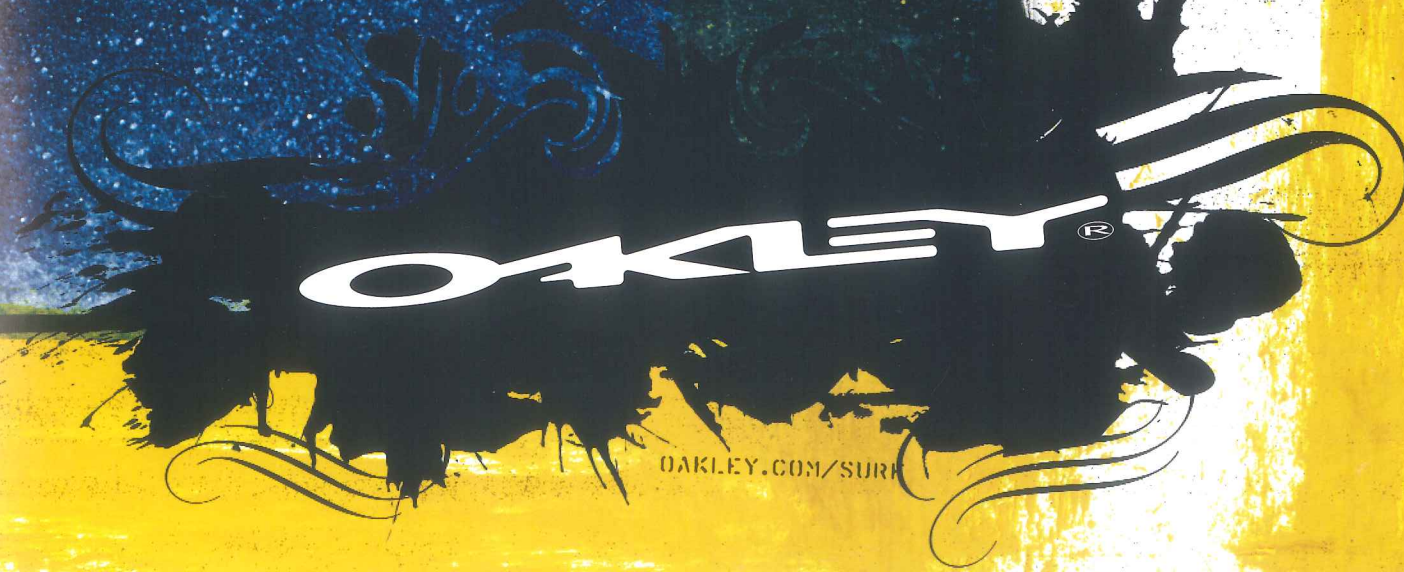




"SPLIT CRATER 2.0"
Soft durometer EVA footbed
for optimum comfort



I don't
think
I'd have to
think twice
twice about
fortunate I
surfer in the
Matrix of a
a World



OAKLEY.COM/SURF

Hurley

WWW.HURLEY.COM/ROB_MACHADO

Rob Machado



ROB MACHADO
POP OF SURF
PRESENTED BY
Hurley

SEPTEMBER 12-16, 2006
LOWER TRESTLES, CA
FOR MORE EVENT INFO, CHECK OUT BOOSTMOBILE.COM



Hurley



surfer
magazine

Surflife
KNOW BEFORE YOU GO

F/S

editorial

Surfar é buscar o melhor sempre

O surf é hedonista, contemporâneo e legalizado, conquistado pelas virtudes, pelo bem, e contaminou a sociedade. Surfar é buscar o melhor sempre, essa é a onda.

O hedonismo, além de ser o tema da curadoria da III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, é o caminho por onde anda esta edição, esta empresa, este editor...

Estamos construindo nosso evento anual. Nesse ano teremos nossa primeira Mostra do Surf itinerante, agora também com a exposição da arte do surf no Rio de Janeiro. Uma série de fatos coerentes e conspiratórios nos levam ao fundador da Brasil Surf, Flávio Dias, meu grande ídolo, aliás, é assim que sempre me refiro a ele. A III Mostra do Surf, versão Rio, terá curadoria de Rosaldo Cavalcanti, legítimo e influente representante da cultura carioca de praia e de surf.

Nesta revista em especial, temos uma pílula do que se espera da III Mostra do Surf, que já transformou o nosso Festival de Cinema Surf no maior do mundo. Na sua segunda edição, teremos grandes lançamentos de cinema surf sob os olhos da comissão julgadora internacional, formada por grandes nomes da intelectualidade do segmento, tais como Ben Marcus, Paul Holmes e Dana Brown, além dos principais cineastas que representam a arte do surf no cinema com os grandes filmes do ano, os diretores Stacy Peralta, Jack McCoy e Wes Brown, entre outros. Veja, assista, pira, vá!

Esta edição 35 é hedonista, botando para cima as buscas, os limites e as emoções, pois o que é bom sempre custa caro. Nossas matérias são desafiadoras, com um padrão de conquista do que existe de melhor. E estão aí, para qualquer um ver a alcançar, ondas inimagináveis, em lugares como Puerto Escondido (México), oeste da Austrália e laje de Jaguaruna (Santa Catarina), que nós, surfistas, só queremos em sonho, jamais como pesadelo. Danilo Couto, Skin Dog e Coco Nogales dão uma aula de 'the dreams it's not over', e em Zicatela acordam nossa mente para mostrar que sonhar é preciso. Veja, tenha bons sonhos ou fortes pesadelos, decida você mesmo.

Arte, cinema, música, mostra, festival, Alma Surf, sonhos, pesadelos... Nossa, que tempos estes, lindos, novos... Adeus, tempos velhos... vamos botar para cima! Com criatividade, humildade e afetividade, sempre surfando com hedonismo!

Para os hedonistas, respirem e meditem.

Romeu Andreatta

COSMMOS DO BRASIL
PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho

ALMA SURF

Publisher
Romeu Andreatta Filho

Editor
Adriano Vasconcellos
vasconcellos@almasurf.com.br

Direção de Arte
André Brugioni Poli

Design Gráfico e Arte Finalista
André Chiodo Silva

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta Edição:

Textos
Danilo Couto, Juliana Morais,
Reinaldo Andraus, Rosaldo Cavalcanti,
Taiu Bueno

Fotos
Alby Falzon, Art Brewer, Chris
Arlington, Edwin Morales, Jamie Scott,
Ju Morais, Marcio David, Will Pennartz

Publicidade
Camila Curi
camila@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A. Distribuidora Nacional de
Publicações

Impressão
Padilla

Jornalista Responsável
Adriano Vasconcellos
MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produções Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural
Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Correspondência
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711

e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br
Para assinar: (11) 3744-3711
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

SPY®

eyewear

WWW.SPY.COM.BR



www.775brasil.com.br

*espírito havaiano
samba brasileiro*



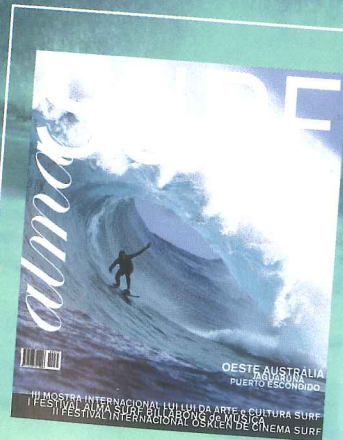
Brasil 

© seandavey.com

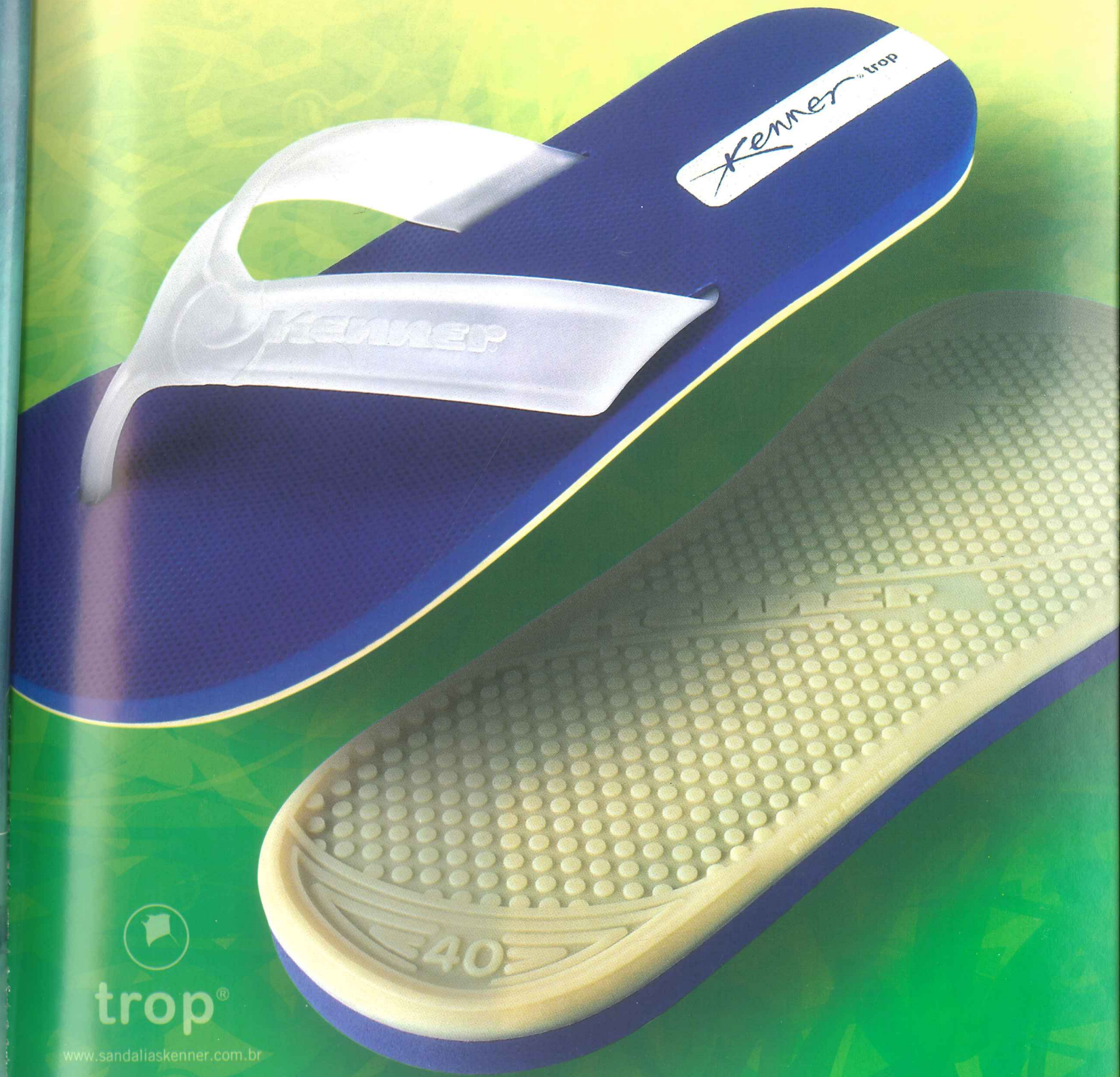
índice

- 22 Notícias da Alma, por Rosaldo Cavalcanti
- 26 DNA Progressivo, por Reinaldo Andraus
- 32 THE SURF GALLERY
- 46 III MOSTRA DO SURF
- 58 OESTE AUSTRÁLIA
- 82 TOW-IN PUERTO ESCONDIDO
- 96 TOW-IN PRO JAGUARUNA
- 110 Surf Cósmico, por Taiu Bueno

capa: Oscar Adrian,
West Austrália
foto: Jamie Scott



Kenner®
ORIGINAL



trop®

www.sandaliaskenner.com.br

notícias da alma

Por Rosaldo Cavalcanti

FRASES

"Absolutamente fenomenal!" O surfista havaiano Pancho Sullivan sobre as ondas que quebraram durante a quinta etapa do WCT, realizada no México em junho de 2006.

"É a melhor onda do circuito." O tricampeão Andy Irons sobre o pico onde foi disputada a etapa mexicana do WCT.

"Com certeza este campeonato será escolhido como o melhor do ano pelos surfistas." CJ Hobgood sobre a etapa do WCT disputada no México em 2006.

"Esta foi a melhor onda da minha vida." Taj Burrow depois de completar um dos tubos mais longos da história do surf profissional, durante a etapa mexicana do WCT. O australiano ficou mais de 10 segundos entubado, percorrendo uma distância de uns 70 metros por dentro da onda.

TUBARÃO ATACA... DE NOVO EM CAPE TOWN

Um salva-vidas foi atacado por um tubarão-branco em Sunrise Beach, em Cape Town, na África do Sul, durante uma simulação de salvamento no mar. Achmat Hassiem, 24 anos, perdeu um de seus pés durante o ataque. Vários surfistas estavam na água no momento em que o salva-vidas foi atacado. De acordo com o National Sea Rescue Institute, Hassiem foi socorrido no local antes de ser levado de helicóptero para o hospital mais próximo. Era mais um dia de inverno, sem vento e com ondas de 2-3 pés, quando Hassiem foi atacado. Sunrise Beach estava cheia de surfistas e banhistas, que ficaram em estado de choque ao saber do ataque. A praia foi fechada durante o resto do dia. Os surfistas reclamam da falta de interesse das autoridades locais com relação aos recentes casos de ataque em Cape Town, causados, segundo alguns experts, pelas leis que protegem os tubarões-brancos na África do Sul. Entre 2003 e 2005, seis casos de ataques, sendo três deles fatais, foram registrados na África do Sul nas praias de Long Beach, Jeffreys Bay, Witsands e Muizenberg. Depois de anos sendo protegida por leis ambientalistas, a população de tubarões-brancos vem se multiplicando no litoral sul-africano.

ATRÁS DAS RAÍZES DO SURF

Há cerca de seis anos o jornalista e roteirista Sam George visitou a ilha de São Tomé, na costa oeste da África, e deu

de cara com uma tribo de surfistas. Em 2006, junto com Paul Taublieb, da Media X International, George voltou para São Tomé com o objetivo de documentar o que pode ser o lugar onde o surf nasceu. Com o apoio dos estúdios VAS, os dois americanos estão produzindo um filme sobre a expedição utilizando modernas câmeras de alta definição. Em junho de 2006, antes de iniciar as filmagens na ilha de São Tomé, os produtores estiveram na costa do Gabão e no Parque Nacional de Loango. Paul Taublieb é um surfista veterano e atual CEO da MXI, enquanto Sam George foi editor da revista *Surfer* e um dos roteiristas do documentário *Riding Giants*. Até os dias de hoje poucas pessoas estiveram nas locações do documentário, onde é comum encontrar leões e elefantes, além de tubarões e baleias. O resultado será inicialmente exibido pelo RushHD antes de ser distribuído no formato DVD.

EM NOME DA CIÊNCIA

Os japoneses acabaram de anunciar que desde 1986 cerca de 20 mil baleias foram sacrificadas em nome da ciência. Constantemente acusada de ser uma das maiores responsáveis pela matança de milhares de baleias, a indústria baleeira japonesa vem tentando limpar a sua barra alegando razões científicas para justificar a matança de baleias na Antártida e no Pacífico norte. Durante muitos anos, os cientistas se perguntaram se as baleias se alimentam ou não de peixes. Depois de duas décadas de pesquisa, os japoneses concluíram que de fato as baleias se alimentam de peixes. Mais de 106 quilos de peixe foram encontrados no estômago de uma das baleias estudadas. Agora, os japoneses querem provar que o costume de se alimentar de peixes faz parte do comportamento das baleias permanentemente. E não é apenas uma anormalidade. Para isso, outras baleias terão que ser mortas nos próximos anos. O anúncio do resultado das pesquisas criou um clima de comoção entre muitos ambientalistas, que se mostraram preocupados com o fato de que mais baleias serão sacrificadas nos próximos anos. Os japoneses se defendem das acusações de estarem entre os maiores matadores de baleia do planeta alegando que as baleias foram sacrificadas como base para os seus estudos e não por razões comerciais. Somente no ano passado, mais de 500 milhões de dólares foram arrecadados com a venda dos inúmeros derivados das baleias. Os japoneses garantem que a venda da carne de baleia e de seus demais derivados foram feitas exclusivamente para evitar o desperdício, e que todo o dinheiro arrecadado vem sendo usado para custear novas pesquisas.

DICAS DE SITES

www.thesurfingmuseum.co.uk

www.sima.com

www.celine-chat.com/galerie

www.mar.mil.br/dhn/chm/tabuas

www.chrislundy.com

www.zigzag.co.za

www.prh.noaa.gov

www.aquatech.com.au

www.surfclubs.org

PARA LER

Este mês os destaques são três livros lançados por diferentes artistas e escritores consagrados.

Way of the Bird é um livro de capa dura e especialmente dedicado às crianças. O livro narra o encontro de um garoto e um surfista mais velho na praia. O veterano ensina o garoto a surfar e a ser um surfista de verdade. *Way of the Bird* foi produzido a partir de fotos produzidas pelo multimídia australiano Andrew Kidman e por ilustrações criadas pelo artista gráfico Andy Davis.

Dogtown - The Legend of the Z-Boys já está na sua quarta edição e foi escrito por C. R. Stecyk III, um dos Z-Boys e o artista responsável por criar uma linguagem visual para a revolução de costumes liderada por um turma de skatistas de Venice, Califórnia, da qual ele fazia parte.

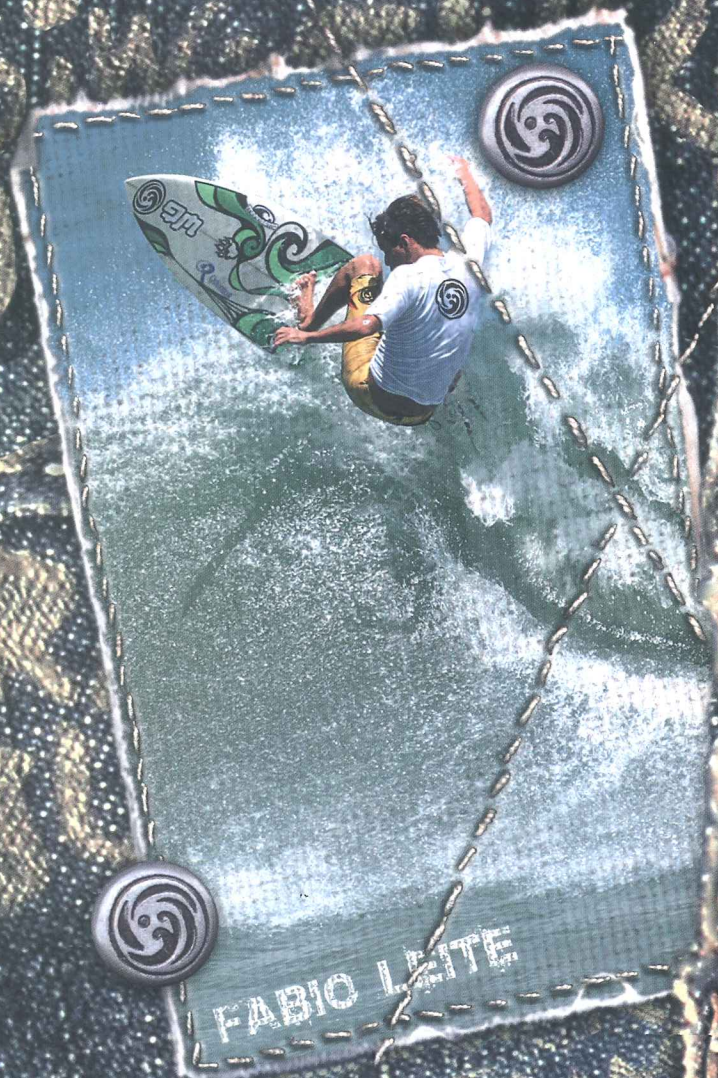
Dale Velzy is Hawk é a biografia do legendário surfista americano Dale Velzy. Ilustrado por fotos históricas, o livro tem capa dura e foi escrito por Paul Holmes, ex-editor da *Surfer* e um dos mais respeitados escritores do gênero.

VELHA PROMESSA OU NOVA REALIDADE ?

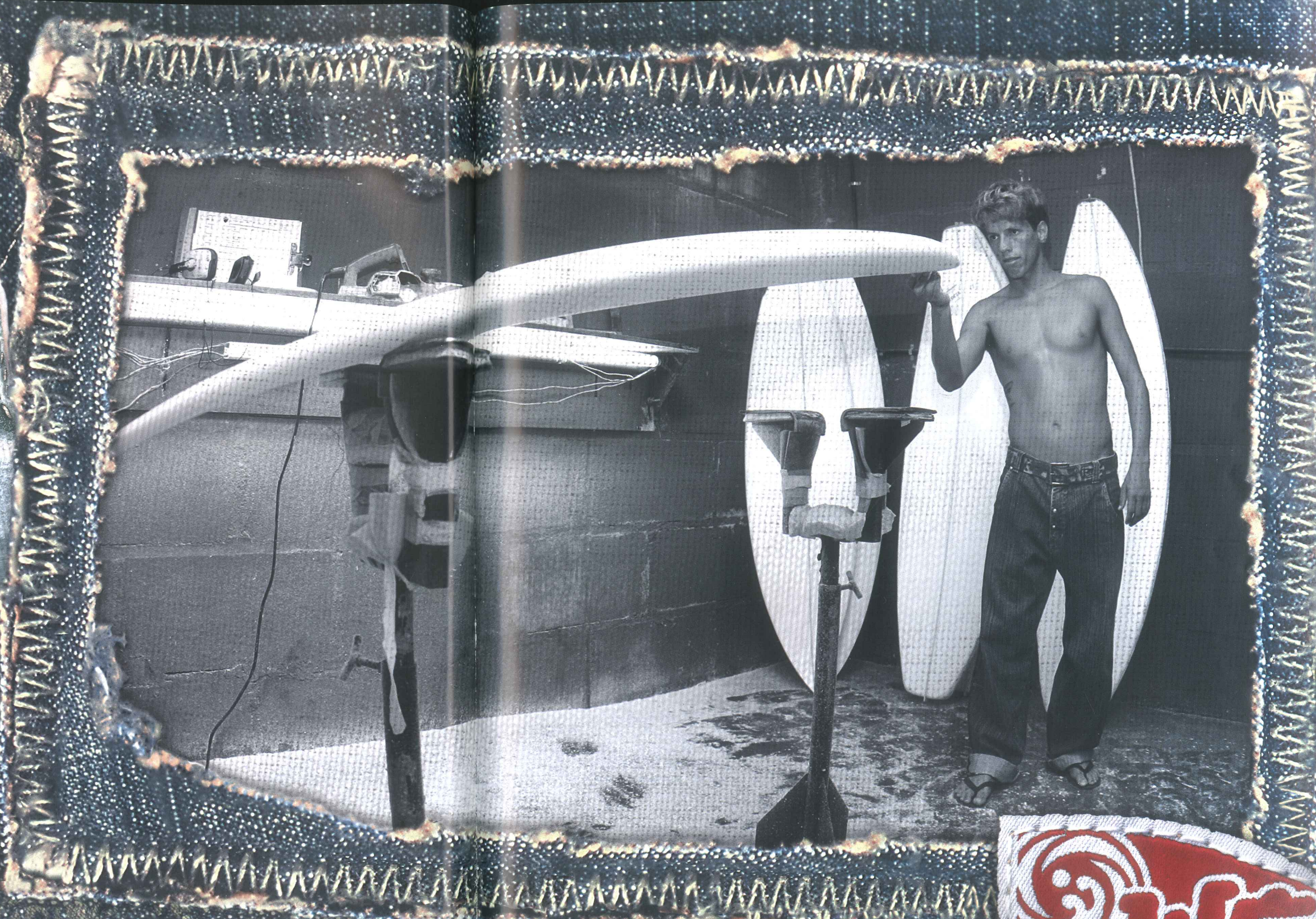
Há cerca de um ano atrás Neco Padaratz foi suspenso pela ASP depois de testar positivo para esteróides anabolizantes num exame antidoping realizado em 2004 na França. De volta às competições a partir do início de 2006, Neco está tendo que disputar todas as viagens e, mesmo saindo do zero em 2006, em agosto chegou a liderar a corrida pelo título mundial do WQS. O mais novo dos irmãos Padaratz sempre teve bons patrocínios e a boa vontade da mídia, que, desde o início da sua carreira, o exalta como um potencial campeão mundial do WCT. Hoje em dia, Neco, que completou 30 anos em 2006, ainda é uma promessa que não vingou, mesmo já tendo conquistado dois títulos mundiais do WQS. Este ano Neco parece disposto a calar a boca de seus críticos e a provar para ele mesmo que ainda pode vencer o título mundial do WCT. A pergunta que não quer calar é a seguinte: Neco ainda tem potencial pra conquistar o título mundial da primeira divisão? Talento ele tem de sobra, isso não se discute, mas para se tornar campeão mundial da primeira divisão Neco vai ter que controlar suas emoções, ter disciplina e, o mais difícil, surfar num nível acima de surfistas como Kelly Slater, Andy Irons, Taj Burrow e Mick Fanning... A tarefa não é fácil, e, apesar da idade, muita gente ainda acredita que Neco pode chegar lá. Se depender da determinação que vem mostrando em 2006...vamos ver.

"FREE RIDE" E "SURFERS THE MOVIE" DURANTE A MOSTRA

Estão confirmadas as exibições de *Free Ride* e *Surfers the Movie* durante a III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf. As duas obras-primas do diretor americano Bill Delaney estão entre os maiores clássicos do gênero e serão exibidas na íntegra, no evento que vai reunir expressões da arte e cultura surf durante os meses de outubro no Rio de Janeiro e em novembro na cidade de São Paulo. Imperdível! Além dos clássicos dirigidos por Delaney, durante a Mostra serão exibidos mais de 70 filmes de surf. Entre eles "Free as a Dog" e "Pipeline Masters", dois lançamentos respectivamente dirigidos pelos consagrados Jack McCoy e Stacy Peralta. Imperdível!



FABIO LEITE



Premium denim

11 3226 2233



dna progressivo

Um passeio pela história da evolução do Surf

Por Reinaldo Andraus

O surf já foi apenas seguir na prancha até a praia

O simples fato de deslizar junto com uma onda, arrebatado pelo poder, pela inércia, puro envolvimento, já é, por si só, mágico. Não há nem a necessidade de uma prancha. Deixa a onda levar... bodysurf... o corpo e a onda. A prancha é um simples agente facilitador. Um instrumento. Há que se saber manejá-lo. Com arte, com alma! No meio de tantos e tantos... surfistas. Quem impunha a "arma" com arte e alma é rei.

O estopim que me levou a ter a idéia deste texto foi uma recente matéria publicada na *Surfer*, "When glide died", escrita por Sam George, na edição de maio/2006. "Glide", na língua inglesa, significa "deslizar" – a essência do surf.

A idéia intrigante que Sam apresenta em seu texto é que Rabbit Kekai, nascido em 1921, um dos últimos remanescentes dos originais beach boys (os jovens havaianos que viviam na praia e ensinavam aos turistas de Waikiki a arte de surfar desde antes da Segunda Guerra Mundial), teria sido o inventor da manobra no surf.

Explica Sam, "os surfistas remanescentes do século XIX surfavam de forma 'estatuesca', deslizando graciosamente, numa linha reta, até a praia, com suas pesadas pranchas de madeira. Mas o jovem Kekai, tão precoce quanto athleticamente favorecido, provocou uma ruptura com relação ao direcionamento dado ao surf por Duke, Tom Blake e seus contemporâneos".

Albert Kekai, o simpático beach marshal dos eventos da Triple Crown, hoje homenageado com o mais importante evento mundial de longboard, na Costa Rica, o Annual Rabbit Kekai International Longboard Classic, em seu 13º ano de existência, lembra nessa matéria: "Inovação... Tudo começou quando passei a tentar escapar das ondas que quebravam na minha frente e decidi desviar da espuma procurando me manter no curl. Foi assim que comecei a mexer a prancha de um lado para o outro".



Sam George desafia qualquer um de nós, surfistas atuais, a manter uma linha reta, numa onda perfeita, e tentar seguir até a praia simplesmente gliding. Não conseguimos. Sua tese toda sustenta que a partir do momento em que começamos a mexer a prancha – manobrar –, isso se tornou uma obsessão. Um ato compulsivo. A morte do 'simples deslizar' (como intitulou a matéria). O artigo traz uma interessante linha do tempo, dos cutbacks mais fortes dos anos 60 aos aéreos cada vez mais criativos de hoje em dia.

Vamos agora ao verdadeiro fio condutor desta matéria, a evolução do surf em sua expressão de performance. Esta se processa alavancada por cada um (ou vários) dos grandes surfistas de cada época, de cada geração. Eles são os pilares nos quais toda a nossa comunidade se fundamenta para progredir.

Para embasar isso vou me valer de outra grande reportagem, dessa vez publicada na *Surfing*, coordenada por Nick Carroll, Evan Slater e a equipe de editores. "16 greatest surfers of all time", de 2004, saiu numa das edições comemorativas dos 40 anos de vida da revista. O staff selecionou os 16 surfistas mais influentes da história.

Na introdução da matéria, eles destacam: "Estamos falando de performance, nada de Dukes, Blakes, Freeths. Docs... aqui estão os surfistas que arrebatam na água, os caras que abriram os olhos do mundo do surf com respeito ao que é extrair o máximo de uma onda. Aqueles que foram redefinindo os parâmetros do esporte ao longo dos anos".

Surfistas que deixaram uma marca na água

Montada a lista de forma cronológica, os 16 escolhidos são unanimidades incontestáveis. Infelizmente, nenhum brasileiro consta no meio deles. Na linha de raciocínio histórico, eles aparecem numerados, de 1 a 16, na ordem em que vieram

na *Surfing* (vol. 40, nº 10). Outros personagens importantes estarei introduzindo, along the way.

O primeiro grande parâmetro de performance foi o californiano Phil Edwards (1), quase 10 anos mais velho que o número 2 da lista. Phil foi quem primeiro cravou a borda de uma prancha com força nas ondas. Suas curvas e cutbacks, com a perna de três flexionada (drop knee) para dar mais pressão na rabeta, foram a semente do power surfing. Sem comentar a noção de postura do cara. Uma mistura de maestro com toureador.

O passo (patamar) seguinte seria introduzido pelo australiano Nat Young (2), mas antes dele outros três surfistas da Califórnia fizeram escola. Os reguladores de Malibu, Miki Dora e Lance Carson, a onda símbolo de toda uma era, e o surfista completo, David Nuuhiwa, um havaiano expatriado para a Califórnia, bailarino do passeio na prancha, artista dos nose rides estéticos, que fez a transição para a performance com pranchinhas como poucos.

A consagração de Nuuhiwa foi "splashada" por Nat Young no Mundial de 66, em San Diego, onde David era local, mas na ocasião Nat, aos 18, teve a oportunidade de mostrar para onde caminhava o surf, agora radical, com trocas de direção malabarísticas e muita força nas manobras. Surgiu o termo: animal! Desses Mundiais para o próximo (só ocorriam a cada dois anos) em Porto Rico, entrou em curso a Shortboard Revolution.

Estamos falando de revolução

O ritmo do surf nunca mudou tão rápido de forma tão radical. As pranchas foram sendo cortadas e redesenhadas. Em nenhum outro evento do surf mundial houve tanta disparidade, no aspecto do equipamento utilizado, como neste Mundial de 68. Nat Young era o franco favorito, disparado o melhor

surfista da época, mas em um único evento o resultado pode ser zebra. O havaiano Fred Hemmings foi o primeiro campeão mundial das ilhas.

O maior rival de Nat na Austrália, Midget Farrelly (campeão do primeiro World Contest, em 64), foi vice em 68. Young foi para a final de seis, ficou em penúltimo. Mas Midget já era carta fora do baralho. A revolução vinha de roldão, e um surfista três anos mais novo que Nat, seu companheiro de viagens, Wayne Lynch (3), era o que de mais progressivo havia no mundo do surf no final dos anos 60. Curvas com o corpo deitado na água, batidas em ângulos inconcebíveis, tentativas (sem sucesso) de carving 360°. Visionário!!!

Entram os anos 70, dinastias irão se reciclar, pranchas vão diminuir para um tamanho ridículo. Experimentos de performance. Extremos de design enterram surfistas. Alquimia pura. Tentativa e erro. O foco se ajusta no Hawaii. A meca. Um novo rei. Gerry Lopez (4). O quest agora era andar cada vez mais dentro dos tubos. Aperfeiçoar o estilo. Mãos esticadas mirando a única porta. Simetria de movimentos. Surf zen.

No início dos anos 70, o mundo do surf era o universo havaiano. A temporada durava quatro meses, mas as fotos do Hawaii preenchiavam as seis edições anuais de qualquer revista (só havia revistas bimestrais na época). Os filmes traziam as ondas da temporada havaiana. Quem andava por lá era venerado.

Além de Lopez, outros deuses: Jeff Hakman (consistência); Billy Hamilton (perfeição estilística); Eddie Aikau (espírito); Owl Chapman (o bizarro); Joey Cabell, apelidado de A Gazela, ou The Hawaiian Impala, pela velocidade; e o meu preferido de todos (fora Lopez), BK – Barry Kanaiaupuni, portador do bottom turn mais irado da história do surf. Só para citar alguns...



Tudo acontecia no Hawaii

Enquanto essa turma de havaianos dava o tom do novo surf de pranchinha, na primeira metade dos anos 70 (os longboards haviam se transformado em equipamento pré-histórico), em meados dessa década entrou em curso uma Revolução Silenciosa, ou melhor dizendo 'espalhafatosa'. Conhecida como a era "Bustin' Down the Door", uma verdadeira ruptura no status quo do surf. Tão ou até mais violenta que a Shortboard Revolution da década anterior.

Vamos partir do embrião do power surfing australiano, plantado por Nat. Quem pegou o bastão foi o local da Gold Coast, Michael Peterson (5). O que Nat Young fez com os pranchões, MP levou um grau acima, com pranchas abaixo de 7 pés, tendo como tela os point breaks australianos; andou mais rápido, fez curvas em arcos mais curtos, colocando a prancha em posições inusitadas, com fluidez sem par. Sua supremacia foi tão grande no início dos anos 70, que venceu Bells por três vezes seguidas (73/74/75). Ninguém questiona que ele foi o maior surfista australiano dessa fase.

MP também andava bem no Hawaii, e lá uma nova estirpe de locais, tendo como ponta-de-lança Larry Bertlemann (6), The Rubberman, injetava sangue novo no cenário. Larry, ao lado de Buttons Kaluhiokalani e Mark Liddell, uniu o surf de manobras progressivas a uma agilidade, elasticidade e forma de lidar e interagir com as ondas de que só os havaianos eram capazes. Alguns anos mais tarde, um dos maiores surfistas havaianos de todos os tempos, Dane Kealoha, uniria essa ginga típica dos polinésios, essa relação de sintonia com a onda, ao power surf.

Mas o que se processava nesse momento, meados dos anos 70, era uma nova abordagem de ataque. O rótulo "Bustin' Down the Door" se deu em função de um artigo escrito por Wayne "Rabbit" Bartholomew, campeão mundial de 78, atual presidente da ASP, na *Surfer* (vol. 17, nº 5). Naqueles anos o Hawaii era o único lugar para um surfista se provar. Ele e os colegas PT, Ian Cairns, Mark Warren, Terry Fitzgerald, Grant

Oliver, Bruce Raymond, os primos sul-africanos Michael e Shaun Tomson (7) e o maior vencedor dessa turma, o tetracampeão mundial Mark Richards (8), ao derrubar a porta, quase puseram a casa abaixo.

Dois artigos interessantes foram escritos na *Surfer* na segunda metade da década de 70. O de Rabbit, de uma forma arrogante, procurava justificar a atitude dessa nova geração, que, para ganhar seu espaço no Olimpo do Surf e nas revistas, tinha não só de entrar pela porta de trás (o Backdoor, que eles começaram a atacar com arrojo incomum naqueles anos), mas também de colocar a porta abaixo. Foi um Double Buster! Fizeram um surf de arrepiar, não só no Backdoor, mas por todo North Shore. E alguns desses aussies foram busted na porrada, por havaianos bem fortes. Anos de tensão.

Com temporadas apimentadas se desenrolando, Lopez escreveu uma matéria, contrapondo a situação, que levou o título "Aftermath Winter 1976: attitude dancing", *Surfer* (vol. 17, nº 2). Sua linha de raciocínio era a de que a evolução do surf vinha em ciclos, e que essa aparente supremacia dos estrangeiros seria temporária. No modo de ver dele, o surf era um esporte de harmonia com as ondas e o patamar de performance agressiva dessa turma seria lapidado na escala evolutiva. Do surf clássico do início dos anos 60 para o surf animal da Grande Revolução (shortboard), de volta para o soul surf do início dos anos 70, em seguida o ataque agressivo dos Free Riders aussies; a fluidez retornaria, mais dia... menos dia...

A história foi seguindo, e MR, o australiano que nunca arrumou treta no Hawaii, dominou o cenário por quatro anos com suas biquilhas e um surf top to bottom/base lip, que se transformava em um ataque cada vez mais agressivo. Foi a fase "rip & tear, slash & burn, cut & thrust", a ordem do dia era arrepiar as ondas. Foi nesse cenário que Simon Anderson introduziu as pranchas Thrusters, de três quilhas, no início dos anos 80. Uma nova geração fez o takeover, tomou as rédeas. Primeiro Tom Carroll (9), depois Tom Curren (10), que, ao lado de Martin Potter (11) e Mark Occhilupo (12), foram os surfistas que deram a tônica do surf na década de 80.



SANTA MARIA



Se Carroll era o novo supra-sumo do power surf, digno da escola australiana, Curren era a finesse levada ao extremo. Muitos grandes surfistas desabrocharam em meio aos anos 80. Os Toms eram os grandes parâmetros. Pottz e Occy, os ídolos mais jovens, a vanguarda. Tom Curren foi o surfista mais imitado e influente do planeta; da Paraíba ao Japão, seus movimentos eram estudados.

Marcando passo na década de 80, anos de surf estereotipado

O curioso foi que, num momento em que a teoria de Lopez teria tudo para fechar mais um ciclo, o critério de julgamento das competições forçou os surfistas a pegarem quatro ondas até a beira, fazendo incontáveis manobras, para tilintar o fliperama das pranchetas. Ao diabo com a estética! Mexa a prancha, não importa se o surfista está em sintonia com a onda. Essa era a receita vencedora. Isso só começou a mudar quando Pottz, no fim da década de 80, foi campeão, com um surf que prezava a qualidade das manobras em detrimento da quantidade.

Na virada dos anos 80 para os 90, os aéreos começavam a entrar em voga, e o expoente selecionado pela *Surfing*, em sua reportagem, foi Christian Fletcher (13), mas outros grandes nomes também voavam nesse sentido. Davey Smith na Califórnia, Pottz da África para o mundo, Matt Kechelle na Flórida e Joca Júnior, para citar um brasileiro. Hoje essa manobra (e suas inúmeras variações) ganhou um repertório globalizado. Independentemente disso, não há como negar que Christian Fletcher, com pedigree familiar avant-garde e tudo mais, foi o primeiro surfista a aterrissar com consistência, arriscando esse movimento até em competições.

Faltando três surfistas para finalizar a lista dos "16 greatest surfers of all time", ponderemos sobre a importância dos anos 90 na evolução do surf. A década que preparou o cenário para o surf do novo milênio. O acontecimento mais instrumental foi a introdução do surf rebocado e seu expoente máximo, Laird

Hamilton (14), duplas afinadas, como a dos brasileiros Burle e Eraldo, ou dos australianos Ross Clarke-Jones e Tony Ray, garantem um mundo de descobertas e novas barreiras para serem quebradas. Isso neste novo milênio adentro... cada vez mais. Limite?!?

Mas antes é importante lembrar que a década de 90 foi a do reconhecimento de Robert Kelly Slater (15), o mais completo e extraordinário surfista que já subiu numa prancha. Vencedor de campeonatos desde merrecas em piscinas ao Eddie, em Waimea. Surfista megacampeão, inovador, athleticamente dotado, mentalmente evoluído, perfeito no estilo. Em sua era de predominância, de supremacia, que se estende até os dias de hoje, podemos fechar mais um ciclo.

Voltando à teoria de Lopez e sua "attitude dancing", percebemos que, ao contrário dos anos Curren, hoje existe um senso comum maior, de valorizar a estética, a fusão do surfista e da onda, numa esfera muito mais radical, com fluidez, postura de corpo, sintonia total com a onda, mesmo que no meio dela rolem 360°, aéreos, tail slides e tubos, com as mãos fechadas, ou esticadas, à la Lopez, apontando o caminho. Tudo combinado com o futuro para onde caminha a evolução do surf.

Se nestes anos 2000 Andy Irons (16) é o maior vencedor da década (campeão em 2002/03/04) da ASP, é pela incrível versatilidade de sua persona, por ser competitivo, inteligente, arrojado, corajoso, frio e calculista, exceder em big (huge) waves e marolas, ser espontâneo e consistente, criativo, e chega de adjetivos...

É incrível notar a quantidade de jovens talentos pipocando em todas as regiões do planeta, superdotados. Um deles será o número 17 da lista, outro o 18, e assim caminha nossa comunidade. Cada vez maior, cada vez mais proficiente, sem nunca, jamais, perder a alma, o feeling, mas sempre com um olho no passado, trazendo a reboque a bagagem mais valiosa, e outro no futuro... vislumbrando a próxima dinastia.

marketing@vonzipper.com.br



WON

ZIP

PE

DONAVON
FRANKENREIT
VZ PAPA G
VONZIPPER.COM





Artistas da The Surf Gallery levam o mar para dentro de sua casa

texto Juliana Moraes
fotos Ju Moraes e Will Pennartz

Localizada em Laguna Beach, uma das cidades mais artísticas da Califórnia, The Surf Gallery é um espaço dedicado aos amantes da arte, do mar e da cultura de praia. Conhecida mundialmente por suas fotografias, esculturas e pinturas, a galeria reúne as mais diversas técnicas, materiais e cores, que indicam que a inspiração de arte na galeria do americano Will Pennartz é uma só: o surf.

Nessa galeria, a surf art vai muito além de uma onda perfeita. Artistas dos mais diferentes países utilizam-se de sua paixão pelo surf e pelo seu lifestyle para expressar sua arte com qualidade e criatividade. Eles mostram que fine arts, contemporaneidade e tecnologia podem ser utilizadas das mais diversas maneiras, transportando a cultura do surf para dentro da casa daqueles que não têm – ou têm – a privilegiada vista para o mar.



Os artistas

Conhecimento, criatividade e qualidade são os temas da Surf Gallery, que costuma abrir espaço a todas as influências e tendências, desde os mais clássicos fotógrafos dos anos 60 até os visionários artistas da atualidade, que vêm inovando o conceito de arte na indústria do surf.

Ícones das lentes como Art Brewer, Jeff Divine, John Severson, Bud Browne, Tom Servais, entre outros, fazem parte do acervo fixo da galeria, que realiza uma exposição diferente a cada mês. Entre os artistas plásticos, figuram nomes como o do equatoriano Wolfgang Bloch, dos californianos Andy Davis, David Lloyd, Barry McGee, Kevin Short, do italiano Vincenzo Ganadu, do japonês Koji Toyoda, do renomado John Severson, além do lisérgico Rick Griffin, isso sem falar na nova geração de poliartistas do norte da Califórnia, como o diretor de Bicycle Trip Patrick Trefz; Thomas Campbell, diretor do valorizado filme Sprout; e outros que vêm ampliando as possibilidades de novas expressões de arte ligadas à praia. No total, a galeria representa 25 artistas, a maioria deles com forte background em artes, alguns raros pintores autoditadas, mas todos ligados à cultura do surf. E embora Will Pennartz, proprietário da galeria, não goste de utilizar os termos "surf art", não há melhores palavras para descrever o trabalho de seus artistas. "Sei que 'surf art' é a expressão mais utilizada; no entanto, não concordo com o clichê de que toda foto de uma onda seja considerada arte. Tem muita coisa ruim também. Estou muito mais interessado na experiência da subcultura que influencia alguns artistas", fala Pennartz.

Telas acrílicas, aquarelas, xilogravuras, fotografias cobertas por resina, pranchas esculpidas à mão, livros, posters, relíquias e tantas outras formas de arte podem ser encontradas na galeria, que, além de atender ao público, também vende obras pela Internet (www.thesurfgallery.com).

Trabalho com vista para o mar

A Surf Gallery nasceu em 2001, da vontade do surfista Will Pennartz de trazer o surf para o mundo das artes em forma de negócio. Na época, ele trabalhava como redator da Surfer Magazine e já colecionava obras do famoso artista John Severson. Na publicação, teve chance de conhecer boa parte dos melhores fotógrafos de surf do mundo e inúmeros artistas que buscavam um local para expor suas obras. Logo Will notou que não havia nenhum lugar no mundo especializado em arte relacionada ao surf. "Percebi que vários artistas produziam obras excelentes e que não se encaixavam como produtos em surf shops ou como obras de arte em galerias tradicionais, então decidi montar uma galeria para comportar esses artistas", diz ele, que logo escolheria Laguna Beach, localizada entre San Diego e Los Angeles, como sede de seu negócio. No início, Will ainda conseguia conciliar seu emprego de jornalista na Surfer e o trabalho na galeria de arte, mas com o crescimento do número

de artistas interessados em mostrar seus trabalhos ao surfista, ele teve que abrir mão do mercado editorial para mergulhar no mundo das artes. Aliás, um mundo que nunca esteve muito distante dele. Filho de excelente artista e professora de artes, Will cresceu entre pincéis e aquarelas em Nova Jersey (onde viveu até os 20 anos de idade), e freqüentou inúmeras exposições ao redor do mundo, além de ter estudado design e fotografia, influências artísticas que o auxiliaram a reconhecer o que é arte.

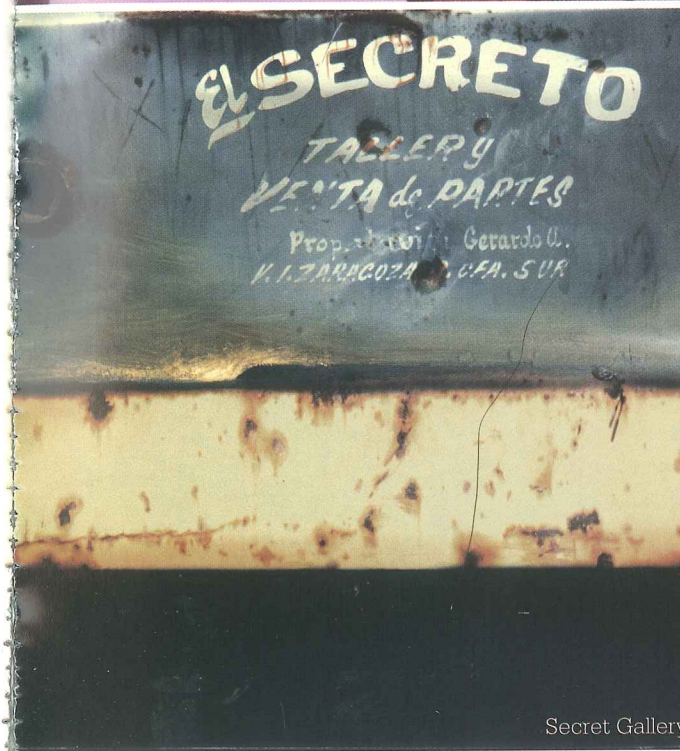
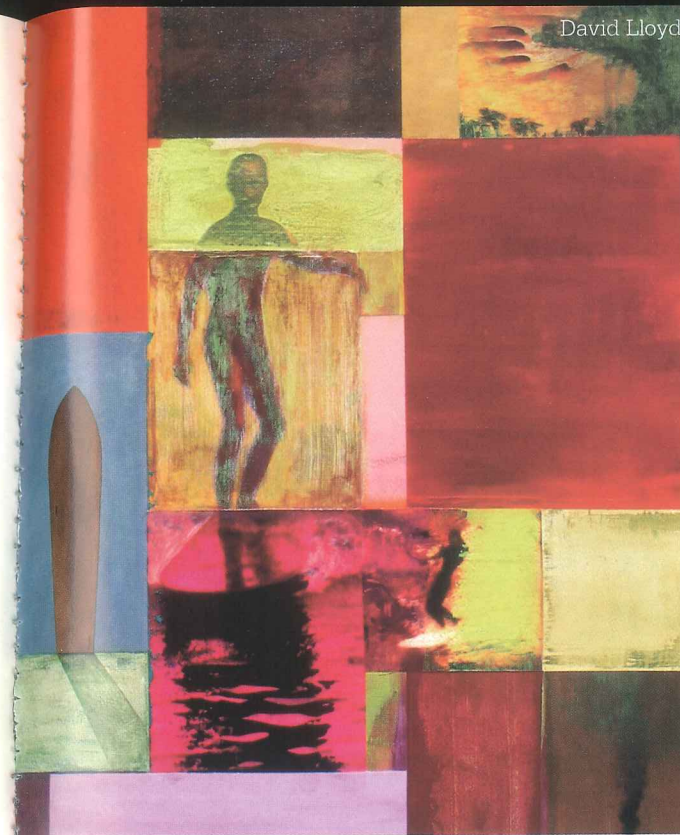
Surfista desde os 13 anos de idade, o empresário não poderia montar seu negócio longe da praia. Localizada na esquina da Thalia Street (famoso surf spot) com a PCH (auto-estrada que beira a costa californiana), a galeria tem a praia como quintal de casa, um pico que oferece boas ondas com o vento nordeste de inverno. Uma vantagem para o surfista, que cresceu surfando em clima frio. "Hoje em dia, quando o mar está grande, fecho a galeria por meia hora e posso surfar enquanto meus clientes olham a vitrine", conta o surfista. Freqüentada por curiosos, admiradores de arte e profissionais da indústria de surf, a galeria de Will já adquiriu uma cartela de clientes que vai além da costa californiana, incluindo Nova York, Japão, Inglaterra e Brasil.

The Surf Gallery na Mostra

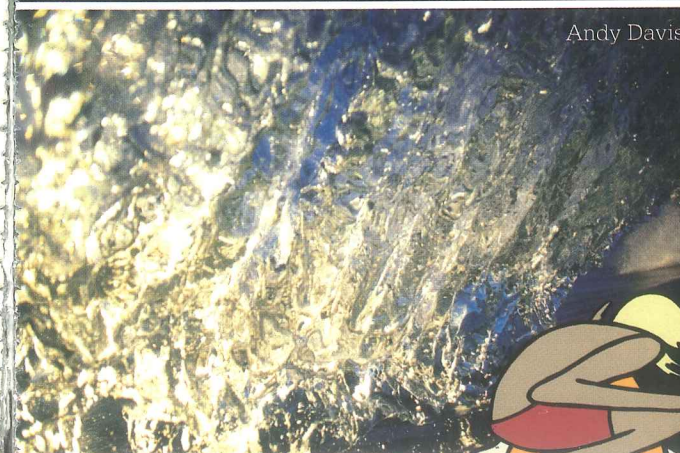
Um dos criadores do Moonshine Festival (ao lado dos irmãos Chris e Emmett Malloy) – festival de arte, cinema e música que reuniu Jack Johnson, G-Love, The Shins e outras bandas em Laguna Beach –, Will está sempre interessado em realizar novos projetos que promovam a arte e o estilo de vida que tanto amamos. Foi assim que acabou se envolvendo com a Mostra Internacional de Arte e Cultura Surf, desde a primeira edição da exposição internacional de arte, que aconteceu na Bienal do Ibirapuera em 2004, São Paulo, Brasil. A partir de então, Will é parceiro do evento, trazendo novas obras e novos artistas da principal expressão do surf para essa Mostra, que neste ano, além de artes plásticas, gráficas, esculturas, literatura, fotografia e cinema, inclui também atrações musicais. "Este ano planejo levar de 10 a 12 artistas para o Brasil, inclusive John Severson, Wolfgang Bloch e alguns novos nomes, como Ned Evans e Alex Weinstein. Quero levar um mix interessante de fotografia, arte e design para a terceira edição da exposição", revela o apaixonado pela arte do surf, que considera a Mostra um excelente evento para promover o esporte surf como arte e cultura, incentivando uma geração que pode apreciar, experimentar e criar com isso.

Além da Mostra, da Galeria e do próximo swell que está chegando, Will também se prepara para encarar mais um desafio na West Coast, produzindo outra exposição de art surf no Museu de Arte de Newport Beach, programada para o início de 2007. Mais um evento, mais um movimento e mais uma onda que vêm para levar os apaixonados pelo outside a um lugar que não precisa de swell para acontecer.

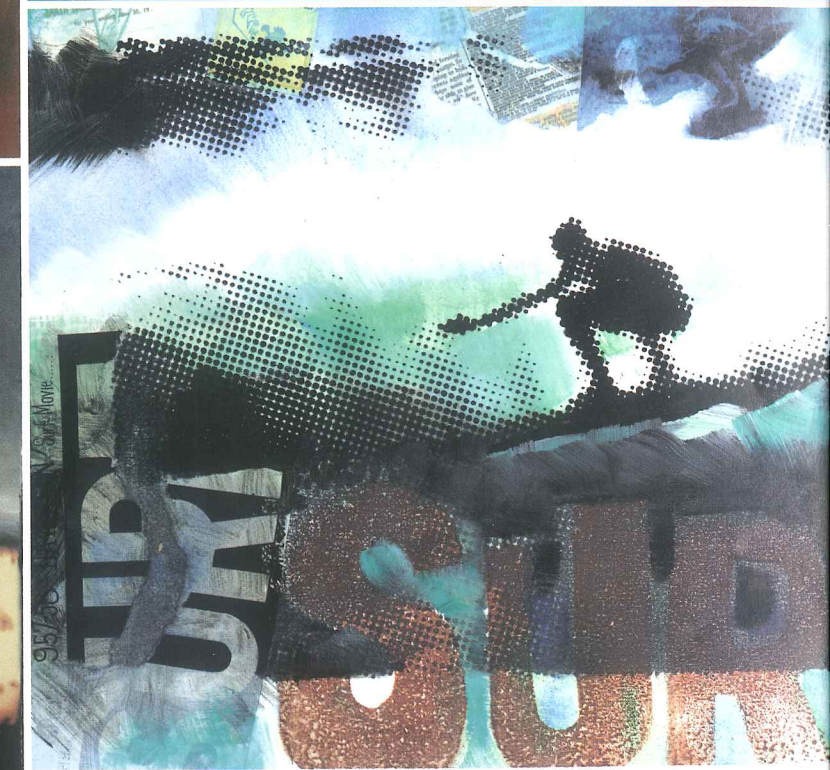
David Lloyd



Secret Gallery



Andy Davis





Laguna Beach, Calif6mia

Alex Kopps, artista Surf Gallery



Patrick Teiz

a invas6o
continua...

SURFBOARDS VIKING

TECCEL

usa / brazil

www.vikingsurfboards.com

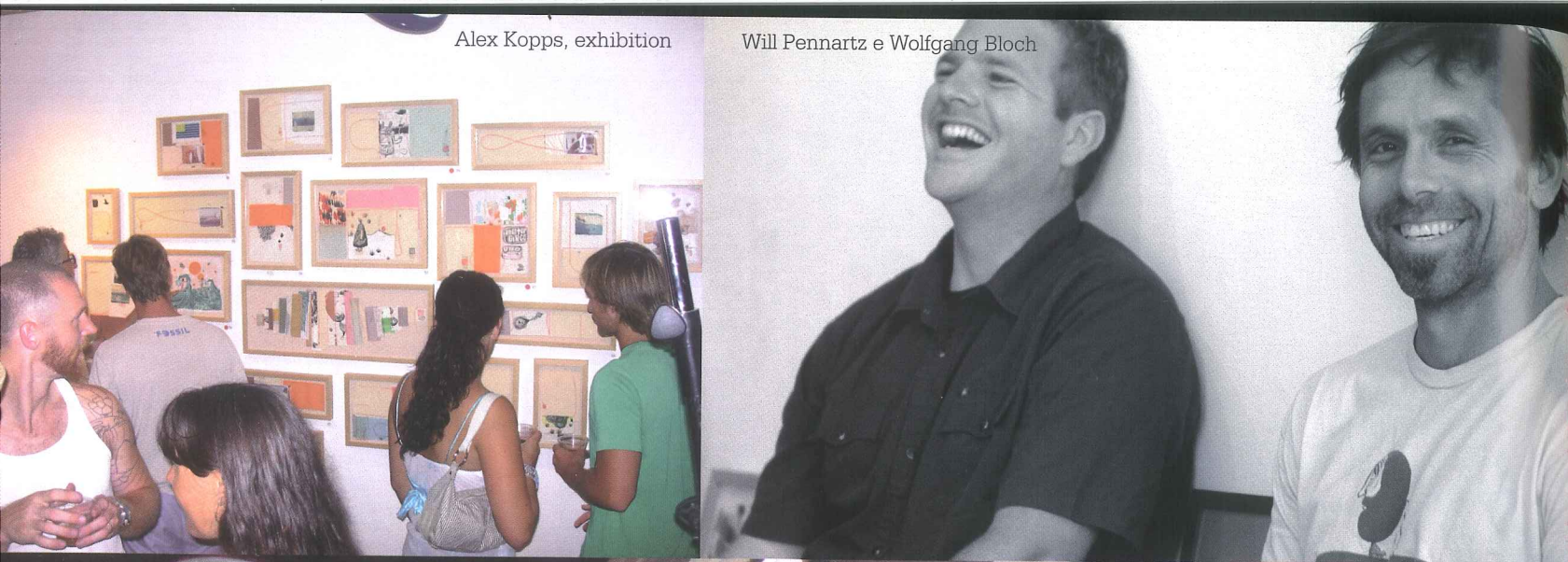
Showroom
Rodovia Rio-Santos km 174,5
Praia Preta - S6o Sebasti6o - SP

Rua Jos6 Ricardo, 51 cj. 47 - Santos - SP
Tels.: B 3219.5693 e B 3219.8580

importers of
teccel foam

Alex Kopps, exhibition

Will Pennartz e Wolfgang Bloch



The Surf Gallery life style

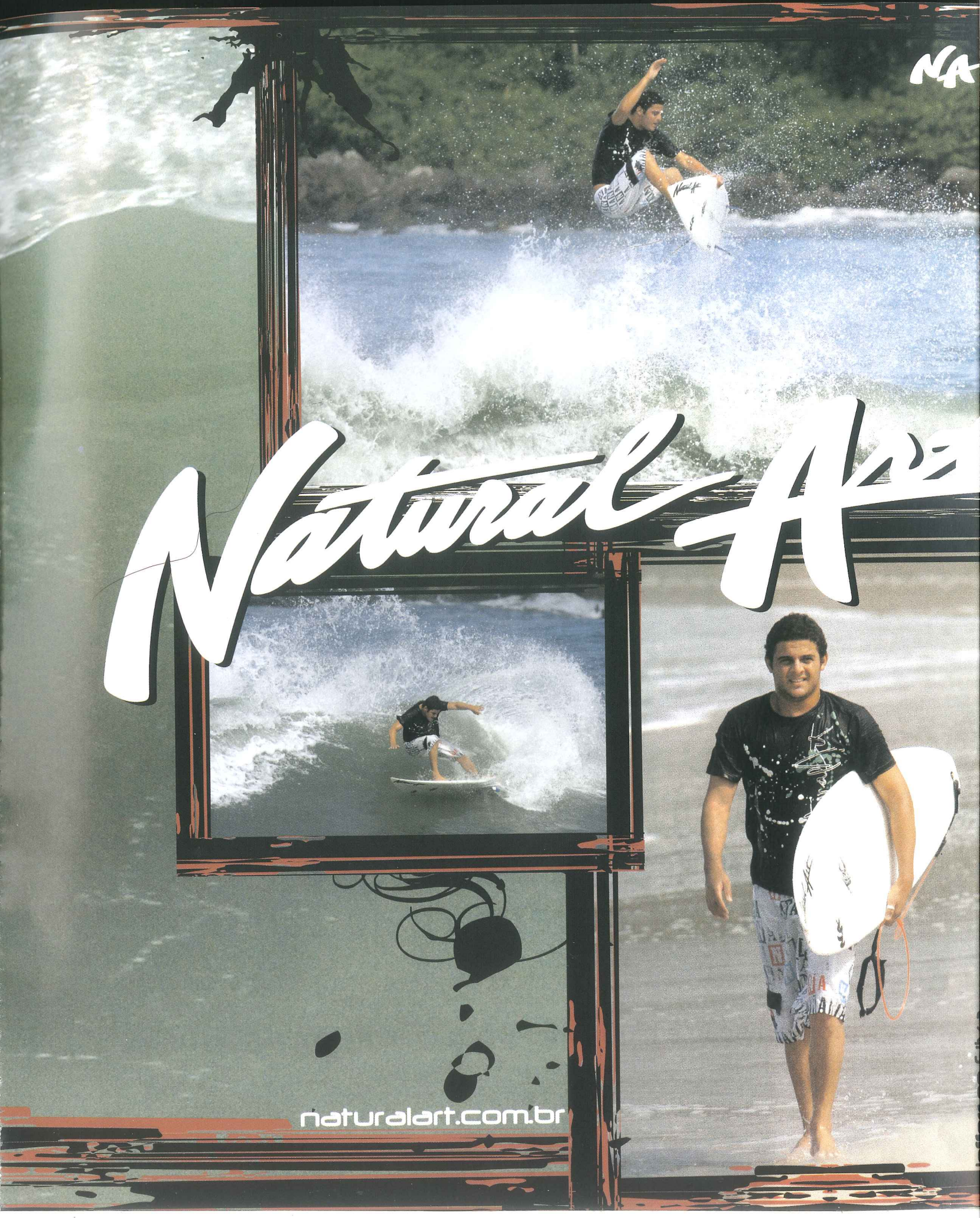
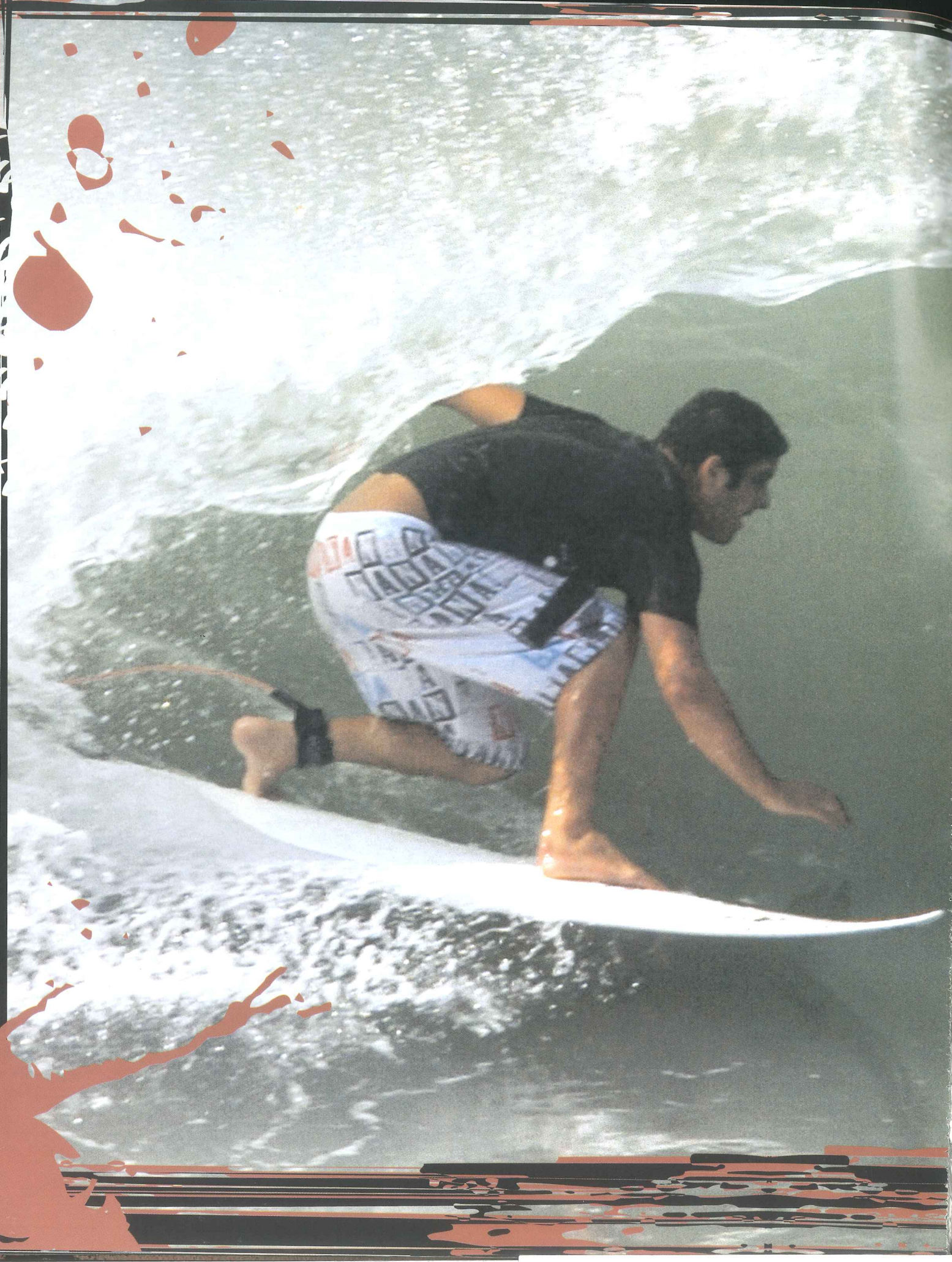
11 3688 1488

Estamos contratando representantes

team rider
CLEYTON NUNES

**LONG ISLAND
NEW GENERATIONS
NEW CULTURES**

long island



Natural Art

naturalart.com.br

NA



Mostra Internacional **LuiLui** da Arte e Cultura Surf

São Paulo - Museu da Imagem e do Som / Av. Europa, 158

surf é hedonismo

09 a 19 de novembro de 2006

horário: das 14:00 às 22:00

ingresso para mostra, festival de cinema e festival de música - preço único R\$ 15,00
compre seu ingresso antecipadamente

programação e curadoria: www.mostradosurf.com.br

artes plásticas, fotografia, arte digital e gráfica, a mais preciosa coleção de pranchas do mundo
(acervo Surfing Heritage Foundation), Biblioteca Internacional Alma Surf / Lui Lui

mídia oficial do evento

O ESTADO DE S. PAULO

ELDORADO

MIS
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

waves

SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA

Delta Air Lines

II Festival Internacional **Osklen** de Cinema Surf

filmes selecionados - Mostra Competitiva

Pipeline Masters / Stacy Peralta

Free as a Dog / Jack McCoy

Chasing Dora / T. J. Barrack e Wes Brown

Tow-In Surfing / Jorge Guimarães e Rosaldo Cavalcanti

Zen & Zero / Michael Ginthör

mais 80 filmes exibidos durante o Festival

programação e trailers: www.mostradosurf.com.br

shows

09 de novembro, 20h

16 de novembro, 20h

19 de novembro, 20h

Billabong



O surf é hedonista

O hedonismo é o tema da curadoria da III MOSTRA INTERNACIONAL DE ARTE E CULTURA SURF

A proposta da III Mostra do Surf segue a corrente filosófica que defende o caminho do prazer como a essência da felicidade. Exaltado como suprema norma moral para a vida, o hedonismo identifica o bem com o prazer, num movimento que fortalece o conceito que propõe e intelectualiza o surf por meio da arte e da cultura de praia.

A III Mostra do Surf evolui neste ano com duas versões, uma no Rio de Janeiro (Rio Design Barra), cidade maravilhosa e berço do surf nacional que recebe a exposição pela primeira vez, e outra, já tradicional, em São Paulo (Museu da Imagem e do Som), que a cada edição vem conquistando crítica, mídia, público e comunidade, em uma exposição internacional do surf que pretende emocionar a todos com maravilhosas obras de arte trazidas de diferentes partes do mundo.

Artes plásticas, arte gráfica e digital, fotografia, esculturas, literatura (acervo de livros Alma Surf / Lui Lui, que comporta mais de 300 livros e possui os títulos mais importantes já lançados na história do nosso esporte), instalações de arte, e a incrível coleção de pranchas da Surfing Heritage Foundation – sem dúvida a mais completa do mundo –, que pela primeira vez honrosamente vem ao Brasil: são 12 pranchas selecionadas que traçam uma linha do tempo na qual será possível apreciar a história da evolução do surf desde o seu aparecimento até aos dias de hoje, completando o conjunto de artes com a criação mais determinante do esporte, a prancha de surf.

Importantes artistas e fotógrafos do cenário mundial já confirmaram presença, no que está sendo chamado, por muitos intelectuais, do encontro mais expressivo e ousado da atualidade do surf. Obras de artistas como John Severson (o mestre da surf art; fundador da revista *Surfer* e autor do livro *Surf Fever*, artista que ilustra esse esporte desde a década de 60), Art Brewer (o mestre da fotografia surf, que imortalizou através de suas lentes ídolos de diferentes épocas, mitos que retrataram a cultura de praia, como o Rei de Pipeline, Gerry Lopes, e o inglês campeão mundial Martin Potter, segundo o próprio Art, o surfista mais expressivo que já existiu),

Craig Stecyk (legítimo Z-Boy da Califórnia, fotógrafo e produtor do célebre filme *DogTown and Z-Boys*, que conta a história do 'boom' do skate na Califórnia), Andy Davis (artista da atual geração da surf art americana, criador de desenhos que aparecem em premiados filmes de surf, títulos como *Sprout*, de Thomas Campbell), estarão presentes na exposição com sua arte. Além disso, teremos também as obras de talentosos criadores como Andrew Kidman, Alby Falzon, George Greenough, Wanderley Carbone, Julie Goldstein, David Pu'u, Harry Daily, Mark Sutherland, André Brugioni Poli, Carlos Carpinelli, Mike Salisbury, Patrick Trefz, Fernando Mesquita, Mark Fonser, Sean Davey e Tom Servais, que, somados há outros artistas vindos dos principais pólos da cultura surf – Brasil, Hawaii, Califórnia, Austrália, Europa –, vão compor com legitimidade e disposição o espaço destinado às artes da III Mostra.

O evento deste ano consolida o Festival Internacional de Cinema Surf apresentando ao público a Mostra Competitiva de Cinema, com os filmes *Pipeline Masters*, do mito nascido na Califórnia Stacy Peralta; *Free as a Dog*, do premiado diretor australiano Jack McCoy; *Chasing Dora*, do príncipe Wes Brown; *Tow-in Surfing*, dos brasileiros Jorge Guimarães e Rosaldo Cavalcanti; e *Zen & Zero*, do viajante austríaco Michael Ginthör. Eles estarão concorrendo aos prêmios de Melhor Filme, Melhor Fotografia, Melhor Trilha Sonora e Melhores Ondas sob os olhos de um corpo de jurados internacional composto por pensadores do nível de Derek Hynd, Ben Marcus, Dana Brown, Paul Holmes, Paulo Lima, entre outros que, apoiados no peso do voto popular, indicarão os vencedores do II Festival Internacional de Cinema Surf.

Em sua terceira edição, a Mostra do Surf apresenta ao público de São Paulo o I Festival Alma Surf de Música, fecho do ciclo de construção do evento que comporta arte, cinema e música. O Festival já convidou oficialmente os músicos Matt Costa, White Buffalo e Tristan Prettyman, que acompanhados de outros artistas, vindos dos Estados Unidos, da Austrália e do Brasil, também a confirmar presença, podem transformar o evento num marco da cultura surf mundial.

III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf: arte, fotografia, cinema, pranchas, literatura e a legítima música vinda da praia, da areia, do mar, do surf.

"O surf é hedonismo para todos" [Romeu Andreatta]



Wayne Burton, nose, arte Alby Falzon

SURF COMO EXPRESSÃO DE ARTE E FONTE DE PRAZER

Surf é arte, estilo de vida, emoção, mas, acima de tudo, é prazer. Muita gente não entende por que os surfistas acordam cedo para surfar numa manhã escura e gelada. Qual é o motivo que os leva a passar horas a fio enquanto esperam, sentados em suas pranchas, pelas próximas ondas. O que há por trás do simples ato de deslizar sobre as ondas? O que faz algo aparentemente banal proporcionar tanto prazer? E o que leva muitas pessoas, obviamente saudáveis, e não querer fazer outra coisa na vida? A sensação de relaxamento intrínseca ao ato de surfar talvez possa explicar parte dessa magia.

O surf é como um balé dançado sobre as águas, em que cada um executa sua própria coreografia, tão pessoal como é a relação entre o surfista, um ser único, e a onda, uma outra forma da natureza, também única e que jamais se repetirá. Um surfista e uma onda. Numa sinergia perfeita. Um prazer supremo.

Um surfista pode deslizar sobre mais de uma centena de ondas durante a sua vida, mas jamais vai esquecer a sensação que sentiu ao surfar pela primeira vez. O momento mágico em que ele se tornou capaz de deslizar em pé sobre uma onda. Da primeira sensação do desfrute do prazer supremo.

Certa vez, um antigo e respeitado campeão havaiano definiu o surf: "É como fazer amor. Sempre é bom. Não importa quantas vezes você pratique. Porém, o que é mais valioso no surf – assim como no amor – é a sensação de bem-estar que ele proporciona para o indivíduo". O surf é uma religião baseada numa relação especial com a natureza. E não é à toa que muitos surfistas se sentem mais perto de Deus quando estão surfando.

Desde os tempos dos antigos havaianos, o surf é tido como um prazer supremo. O termo lírico "he'e nalu" foi adotado pelos poetas havaianos para descrever o surf, uma das mais populares manifestações da cultura havaiana. "He'e nalu" é um termo rico em nuances, ou, como dizem os próprios havaianos, com muito "kaona", ou de diferentes significados. Canções havaianas dos séculos XVI e XVII falam de dias em que o surf estava tão bom que os nativos deixavam pra trás seus afazeres diários – família e trabalho – pra surfar. O capitão e explorador inglês James Cook foi o primeiro homem branco a observar e a descrever o surf. Cook observou que quando estavam surfando os nativos havaianos não prestavam muita atenção em nada mais além das ondas. Nem mesmo às novidades do homem branco, às suas armas ou suas modernas embarcações. O capitão Cook comparou a sensação que o surf parecia proporcionar aos polinésios com o prazer que ele próprio sentia ao escutar música clássica.

Idéias metafóricas definem o surf como uma expressão da habilidade individual de cada um em interagir com a natureza. O prazer contido no ato de surfar é algo inexorável. O fato de uma onda jamais quebrar por duas vezes faz do surf um prazer único que jamais se repete, e que por isso mesmo nunca é demais.

Surfar é algo muito pessoal, mesmo quando se está surfando no meio de uma porção de outros surfistas. Ao subir na prancha, o surfista e a onda estabelecem uma relação direta, pessoal e única. Como se nada mais importasse ou existisse no universo. A onda é uma vida única, e deslizar sobre as ondas é como deslizar sobre a vida, com estilo e harmonia. Pois é assim que fazem os melhores surfistas. O oceano é a maior criatura viva deste planeta, e talvez essa relação tão próxima com a natureza explique o imenso prazer contido no ato de surfar.

[Rosaldo Cavalcanti]

ARTISTAS PRÉ-SELECIONADOS

ARTES PLÁSTICAS / ART

Alex Weinstein, Almir Barreto, André Brugioni Poli, André Cortes, André Diniz, Andrew Kidman, Andy Davis, Antonio Szewierenko, Apo Fousek, Bianca Lua, Bob Phillips, Caio Teixeira, Camila Arrizabalaga, Carlos Carpinelli, Carlos Nathansohn, Céline Chat, Cesar Féres Sallum, Cibelle Mello, Ciro Bicudo, Claudia Simões, Cristian Pfeifer, Daniela Vaz, David Lloyd, Denis Molinaro, Edilson Dito, Erick Wilson, Fabio Chati, Fernanda Carollo, Fernando Mesquita, Fernanda Rapport, Gabriel Paiva, Geoff McPetridge, Gesa Ronge, Guilherme Tonelli, Gustavo Fernandes, Harry Daily, Heloisa Camargo, Hilton Alves, Ivone Masuda, Jairo Cavalcante, Jasar Nobre, Jeff Petersen, João Dias, João Vianey, John Severson, Jorge D'Ollynda, Julie Goldstein, Karen Decoster, Kátia Costacurta, Kerne Erickson, Kevin Short, Koji Toyoda, Marcelo Maragni, Marcio Antonio Leitão, Marco Ubaldo, Mario Bração, Maritmo, Marivaldo Pimentel, Mark Shuterland, Maurice Taba, Mila Ron Carper, Nanci Ruspoli, Nathan Paul Gibbs, Ned Evans, Nicholas Muller, Océane Le Quément, Pat Tobin, Phil XII, Rafa Ceppas, Rodrigo Guerra, Romane Martinez, Rubens Jimenez, Santana, Scott Richards/Randy Noborikawa, Serapião, Sergio Barbosa, Simone Lopes, Thomas Campbell, Vicente Pavone, Vincenzo Ganadu, Vitor Silva, Wanderley Carbone, Wawá e Wolfgang Bloch.

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY

Aleko Stergiou, Alexandre Gennari, Art Brewer, Beto Paes Leme, Breno Lucio, Bruno Alves, Bruno Dana, Bruno Lemos, Bud Browne, Caio Guedes, Carlos Pinto, Carol Oliva, Cícero Lehmann, Craig Stecyk, David Pu'u, Edwin Morales, Gustavo

Cabelo, Gustavo Yazbek Binga, Eduardo Moody, Fábio Plácido, Fedoca, Fernanda Saraiva, Fernando Rockert, Flavio Vidigal, Herbie Fletcher, James Thisted, Jamie Brisick, Jamie Scott, Jason Murray, Jeff Divine, Ju Morais, Klaus Mitteldorf, Leroy Grannis, Levy Paiva, Lisandro de Almeida, Lou Townshend, Luciano Bonomo, Manoela D'Almeida, Marcelo Maragni, Marcio David, Marina Ribeiro, Mike Salisbury, Motaury Porto, Patrick Trefz, Pedro Felizardo, Pedro Weinschenck, Peter Crawford, Peter Simons, Phillip Muller, Rafael Nowascky, Rob Gilley, Roberta Borges, Sean Davey, Sebastian Rojas, Steve Fitzpatrick, Stuart Gibson, Sergio Scripilitti, Tara Moller, Thomas Campbell, Tony Nolan, Tom Servais, Vinícius Deleo Amato, Vítor Silva e Yuri Sardenberg.

ESCULTURAS / SCULPTURES

Cícero Leite, Daniel Crockett, Ithaka (Darin Pappas), Lucia Lacerda, Mark Fonser.

LITERATURA / LIBRARY (surfbooks)

Acervo de Livros Alma Surf / Lui Lui

MUSEU DE PRANCHAS / BOARDS

Surfing Heritage Foundation, www.surfingheritage.com

CONVIDADOS ESPECIAIS / SPECIAL GUESTS

Agi Orsi, Ben Marcus, Carlos Motta, Carlos Sarli, Dana Brown, Derek Hynd, Emanuel Matos, Fernando Costa Neto, Jamie Brisick, Mark Sutherland, Oswaldo Pepe, Paul Holmes, Paulo Lima, Pedro Cesar, Reinaldo Andraus, Rodrigo Farias, Wes Brown, Will Pennartz, entre outros convidados.

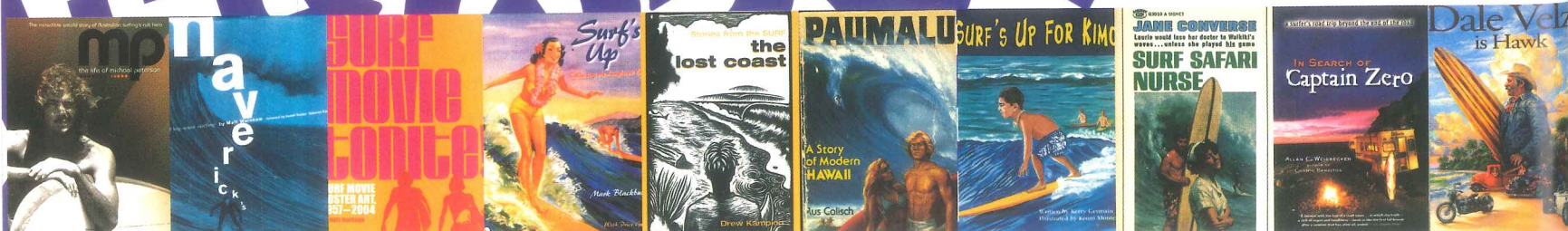
Nicoboco

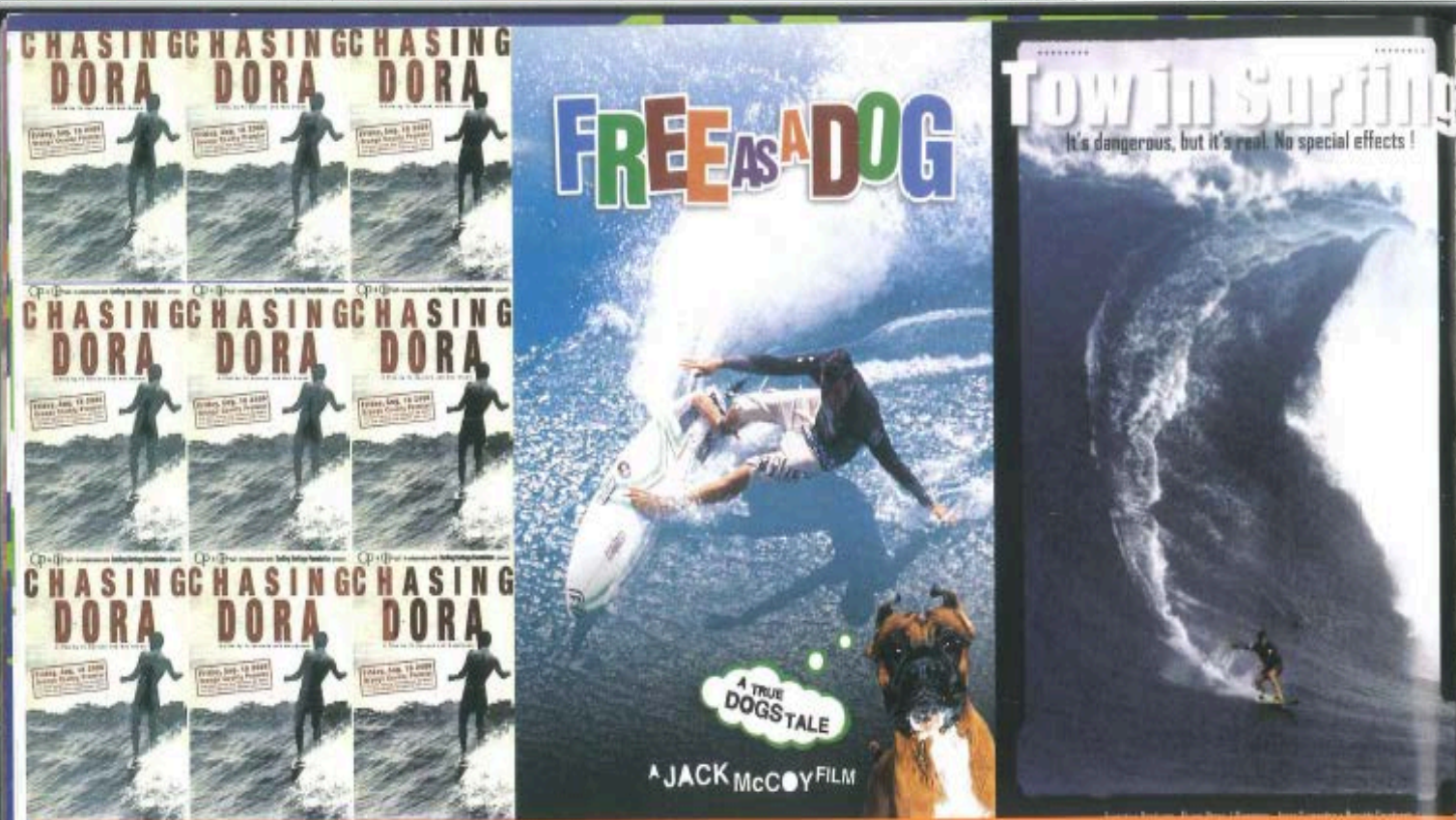
SPECIAL LEFT - TAHITI



MARCE

NICOBOCO.COM.BR





II FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA SURF

O Festival Internacional de Cinema Surf ganha amplitude na segunda edição e já é considerado por grande parte dos intelectuais e pensadores do surf como o maior, mais dinâmico e mais conceituado festival de cinema surf do mundo.

Neste ano vai projetar os cinco principais lançamentos do cinema surf na Mostra Competitiva de Cinema, que terá a companhia de mais de 80 títulos do acervo, distribuídos em uma programação que vai de clássicos do surf movie às mais recentes produções em vídeo e película. E ampliando os pensamentos em torno da cultura surf e dos rumos que ela segue, a III Mostra do Surf trará ao Brasil renomados produtores do segmento.

Dana Brown e Wes Brown, filho e neto do lendário Bruce Brown, confirmaram presença e virão ao Rio e a São Paulo como convidados da III Mostra Internacional da Arte Cultura Surf. Bruce Brown, que exibiu ao mundo as raízes do surf, revelando que elas são muito mais profundas do que se imaginava na época, meados da década de 50, pode ser considerado o pioneiro do cinema surf. Foi ele quem produziu o cultuadíssimo *The Endless Summer*, filme que rodou o mundo pop exibindo a história de dois surfistas que buscam no surf um verão sem fim.

Dana Brown, filho de Bruce, além de participar ativamente das produções do *Endless Summer*, lançado pela primeira vez em 1966, comprovou seu talento ao lançar *Step into Liquid* em 2003, seu primeiro longa-metragem, filme que acordou os surfistas defendendo a posição de que o surf vai muito além das praias da Califórnia. Dana projeta nesse filme que a paixão e o entusiasmo pelo surf podem existir em lugares pouco prováveis, sejam eles no

Texas, na Irlanda ou no Vietnã, e com legitimidade relata que a verdadeira busca não é do maior tubo ou da manobra mais radical, pelo contrário, revela e explora o porquê do surf habitar na alma dos surfistas, sendo muito mais intenso do que simplesmente um esporte. Neto de Bruce Brown e filho de Dana, Wes Brown faz parte da 'nova' geração de produtores de filmes de surf e vem ao Brasil para apresentar suas recentes criações. *Chasing Dora*, filme que está selecionado para a Mostra Competitiva, e *Peel, The Peru Project*, feito em parceria com T. J. Barrack, fazem parte do repertório da família Brown.

O evento deste ano consolida o momento de prazer que vive o surf apresentando ao público a Mostra Competitiva de Cinema, seleção de cinco títulos que concorrem aos prêmios de Melhor Filme, Melhor Fotografia, Melhor Trilha Sonora e Melhores Ondas, sob os olhos do corpo internacional de jurados, composto por pensadores da envergadura de Dana Brown, Derek Hynd, Ben Marcus, Pedro Cesar, Paulo Lima, Mark Sutherland, Reinaldo Andraus, Paul Holmes, Carlos Motta, entre outros grandes nomes, que balizados no peso do voto popular, indicarão os vencedores do II Festival Internacional de Cinema Surf.

A Mostra Competitiva de Cinema vai exibir aos surfistas e expectadores os seguintes filmes:

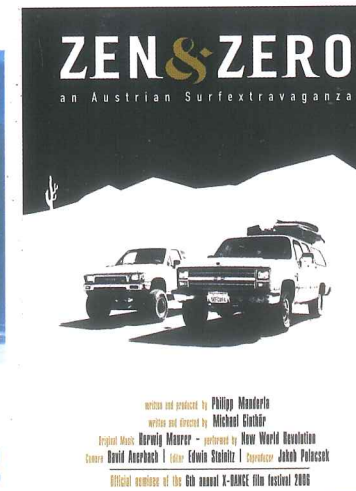
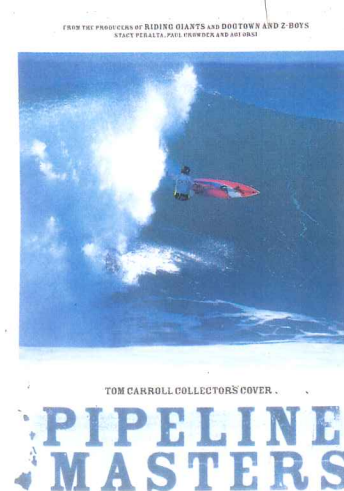
PIPELINE MASTERS, de Stacy Peralta (autor dos lendários filmes *Dogtown and Z-Boys*, *Riding Giants* e *Lords of Dogtown*). A onda mais perigosa, os surfistas mais corajosos do planeta, as baterias mais dramáticas da história, a competição predileta dos mestres dos tubos. O documentário *Pipeline Masters* conta a história do campeonato mais famoso do planeta, que passou a ser disputado a partir de 1971 nas perigosas e tubulares ondas de Pipeline, na costa norte da ilha de Oahu, no Havaí. Espetáculo alegria, êxtase, drama e tragédia andam juntos em Pipeline;

FREE AS A DOG, do premiado australiano Jack McCoy (diretor dos famosos filmes *Tubular Swells*, *Storm Riders*, *Billabong Challenge*, *Occy The Occumentary*, *Blue Horizon*, entre outros). Documentário sobre o vice-campeão mundial do WCT Joel Parkison, narrado pelo boxeador Trey, o cachorro de Joel, que confere à narrativa uma dose de bom humor. Com o aussie Parkinson o surf está garantido;

CHASING DORA, de T. J. Barrack e Wes Brown (como já dito, um dos autores é o príncipe da família Brown). Conta a história de três surfistas californianos que decidem recriar o desafio épico do mito Mick Dora, numa odisséia surfística que os leva até Jeffreys Bay, na África do sul, onde encaram as maiores ondulações do ano com pranchas de madeira fabricadas artesanalmente, e surfam ao lado dos campeões mundiais Kelly Slater e Andy Irons;

TOW-IN SURFING, dos brasileiros Jorge Guimarães e Rosaldo Cavalcanti (produtores associados do filme *Billabong Odyssey*, de Philip Boston, Jorge Guimarães e Rosaldo Cavalcanti são nomes de destaque do surf nacional. Idealizadores da histórica Tow-In World Cup, Rosaldo pode ser considerado atualmente um dos brasileiros mais bem relacionados e influentes no mundo do surf, e Jorge Guimarães, o conhecido Joinha, é um multimídia do esporte). *Tow-in Surfing* é um documentário sobre essa nova modalidade de surf conhecida como "tow-in", "surf de reboque". É narrado por meio dos depoimentos de alguns dos melhores "tow surfers" do planeta, que explicam como se preparam física, psicológica e espiritualmente para enfrentar o perigo iminente da morte e qual é a emoção de surfar ondas maiores que um prédio de seis andares. O filme tem uma fotografia de tirar o fôlego e uma linguagem visual apoiada por uma trilha sonora original e pelos depoimentos dos surfistas que praticam o esporte. E foi convidado para o Festival Internacional de Filmes do Havaí de 2006;

ZEN & ZERO, O filme foi feito pelo viajante austríaco Michael Ginthör, que, na companhia dos amigos Philipp Manderla, Edwin Steinitz, Jakob Polcsek e David Auerbach, captou imagens que partiram de Los Angeles e passaram pelo México e a maior parte dos países da América Central, como Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica, numa produção interessante, que prazerosamente mostra a relação do surf com o ser humano, mesmo que esse tenha nascido em um lugar sem mar.



MOSTRA COMPETITIVA DE CINEMA

Pipeline Masters (Stacy Peralta, USA), *Free as a Dog* (Jack McCoy, Austrália), *Chasing Dora* (Wes Brown, USA), *Tow-in Surfing* (Jorge Guimarães e Rosaldo Cavalcante, Brasil), *Zen & Zero* (Michael Ginthör, Áustria)

FESTIVAL / FESTIVAL

A Broke Down Melody, Aloha Waves, América do Surf, Bali High, Big Wednesday, Billabong Odyssey, Billabong Super Challenge at J-Bay, Billabong XXL, Blue Crush, Blue Horizon, Campaign, Canal Surf, Chlorine, A Pool Skate Documentary, Cosmic Children, Dia X, Dogtown and Z-Boys, Fábio Fabuloso, Fanning the Fire, Fé em Deus e Pé na Tábua, Free Ride, Freak Show, Gerry Lopez, Uma Alma Surf, Glass Love, Hallowed Ground, Hit & Run, Kumbaya, Liquid Time, Litmus, Longboard Fever, Longboard Magic, M.R. Tape, Me Gusta Brazuca, Momentum I & II, Morning of the Earth, Na Trilha das Ondas, North Shore, Na Lata!, Origen, El Surf em Pichilemu, Passion Pop, Peel, The Peru Project, Point Break, Pororo, Surfing the Amazon, Riding Giants, Riding Waves, Samba Trance & Rock'n'Roll, Second Thoughts, Shelter, Skate More, SoBBreviver, Sprout, Step into Liquid, Storm Riders, Style Masters, Super Session, Surf Crazy, Surf Movie, Surf na Terra dos Incas, Surf nos Corais, Surfers the Movie, Surfando na Selva, Expedição Mascaret, Surfin Short's, Surfistas de Alma, Ten Years After, The 5th Symphony Document, The Bruce Movie, The Dungeon Keepers, Big Wave Africa, The Endless Summer, The Endless Summer II, The Endless Summer Revisited, The Far Shore, The Modus Mix, The Search, The Seedling, The September Sessions, The Sixth Element, The Surfer's Journal, Curren & Kelly, The Union Blue Project, Thicker than Water, Trunk It: 1906 to 1947 (SHF), Tubular Swells, Underground Hum, Untitled, The New Poor Specimen Movie, WCT Brasil, e Young Guns II.

CURTAS E ANIMAÇÕES / SHORT FILMS AND ANIMATIONS

Bicycle Trip (Patrick Trefz), Dream (Mark Sutherland), Evanescent Jam (David Pu'u), Liquid Psalms (David Pu'u), Loop (Mark Sutherland), New York Surfers (Carlos Gama, Giselle Matta e Jamie Brisick), Ouça (Thiago Kafajian), Poroc Poroc (Vinicius Squarezi), Swell de Sul (Rodrigo Schmidt).

COMISSÃO JULGADORA / JUDGER COMMITTEE

Ben Marcus (USA), Carlos Motta (Brasil), Carlos Sarli (Brasil), Dana Brown (USA), Derek Hynd (Austrália), Emanuel Matos (Brasil), Fernando Costa Neto (Brasil), Mark Sutherland (Austrália), Oswaldo Pepe (Brasil), Paul Holmes (USA), Paulo Lima (Brasil), Pedro Cesar (Brasil), Reinaldo Andraus (Brasil), Rodrigo Farias (Chile).

programação: www.mostradosurf.com.br

I ALMA SURF FESTIVAL

A III Mostra da Cultura Surf apresenta ao público de São Paulo o I Festival Alma Surf de Música; fecho do ciclo de construção do Alma Surf Festival, que comporta arte, cinema e música.

O casting do I Festival Alma Surf de Música terá grupos independentes que fazem parte desse importante movimento de arte no surf que é a música. Convidamos o jovem californiano Matt Costa, músico de melodias suaves e emotivas, que recebe influências que vão de Beach Boys até Donavon Frankenreiter e o amigo pessoal Jack Johnson. Matt estará acompanhado de outros dois talentosos artistas vindos da beach culture americana. Um deles é o eclético morador de San Francisco conhecido como The White Buffalo, compositor que revela seu mundo percorrendo a costa da Califórnia, misturando estilos que passam por Radiohead, Elliott Smith e Tom Waits, para moldar sua própria maneira de cantar e tocar. Por meio de sua música, White Buffalo costuma levar seus fãs a um lugar aonde só o surf consegue chegar. A outra atração convidada é a revelação sensual da cena americana Tristan Prettyman, que promete embalar o público de São Paulo com os acordes de guitarra e outros instrumentos, já que a garota, surfista, está inserida no novo grupo de artistas que embalam as canções da surf music geradas na Califórnia. Além de aguardar as confirmações dos artistas citados acima, o festival também espera por respostas de músicos e bandas do Brasil, dos EUA e da Austrália, tais como, Jez e Pico. Esses dois australianos misturam energia e intimismo, que moldam duas paixões: a música e o surf.

III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf: arte, fotografia, cinema, pranchas, literatura e a legítima música vinda da praia, da areia, do mar, do surf.

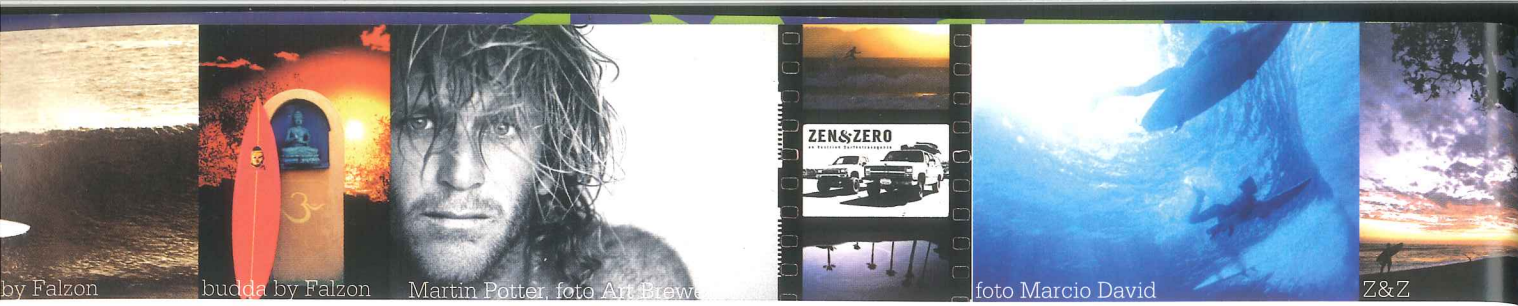
consultas:

www.thewhitebuffalo.com
www.tristanprettyman.com
www.mattcosta.com
www.theofficialjezsite.com

• Central de Vendas (011) 5851-6848 • mktvibe@sunguider.com.br • foto por Gehari



Die
San
V



by Falzon budda by Falzon Martin Potter, foto Art Brew foto Marcio David Z&Z

SERVIÇO:

RIO DE JANEIRO  **RIODESIGNBARRA**

III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf
II Festival Internacional Osklen de Cinema Surf

data: de 09 a 23 de outubro de 2006
local: Rio Design Barra (Shopping Rio Design Barra)
Av. das Américas, 7.777 - Barra da Tijuca - Rio de Janeiro
www.riodesignbarra.com.br
horário: das 10:00 às 22:00
ingressos: entrada franca (exposição de arte)

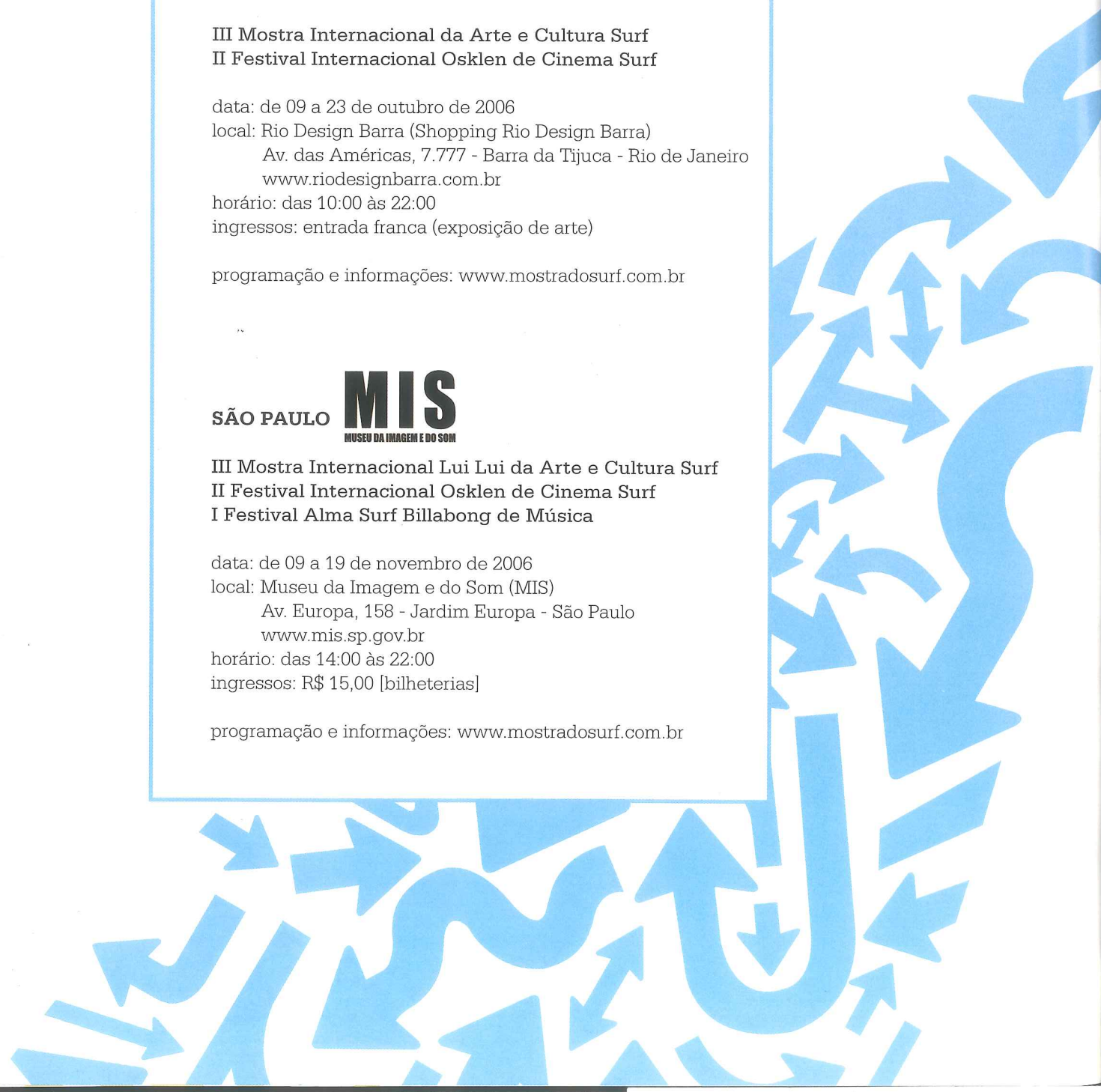
programação e informações: www.mostradosurf.com.br

SÃO PAULO  **MIS**
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

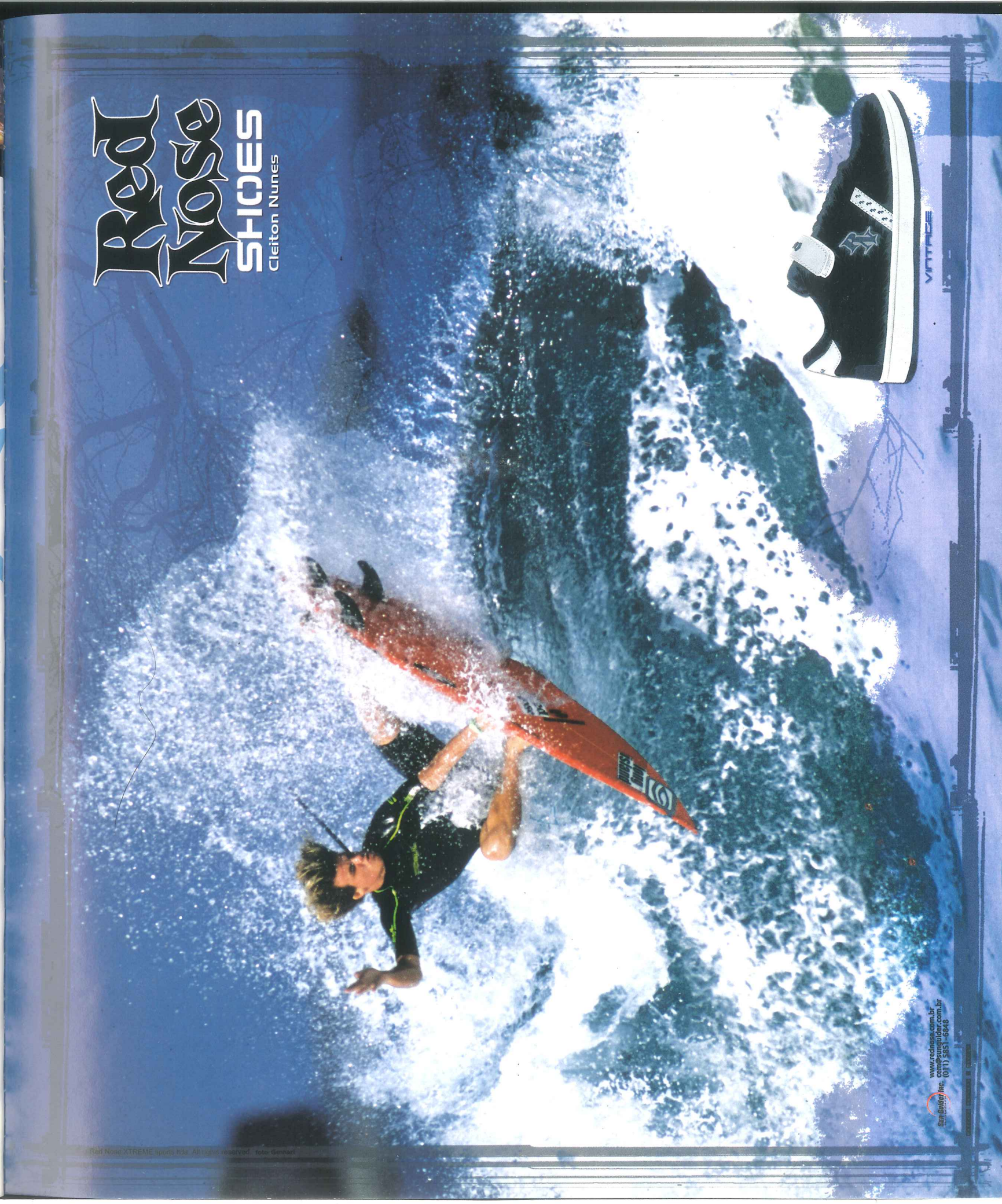
III Mostra Internacional Lui Lui da Arte e Cultura Surf
II Festival Internacional Osklen de Cinema Surf
I Festival Alma Surf Billabong de Música

data: de 09 a 19 de novembro de 2006
local: Museu da Imagem e do Som (MIS)
Av. Europa, 158 - Jardim Europa - São Paulo
www.mis.sp.gov.br
horário: das 14:00 às 22:00
ingressos: R\$ 15,00 [bilheterias]

programação e informações: www.mostradosurf.com.br



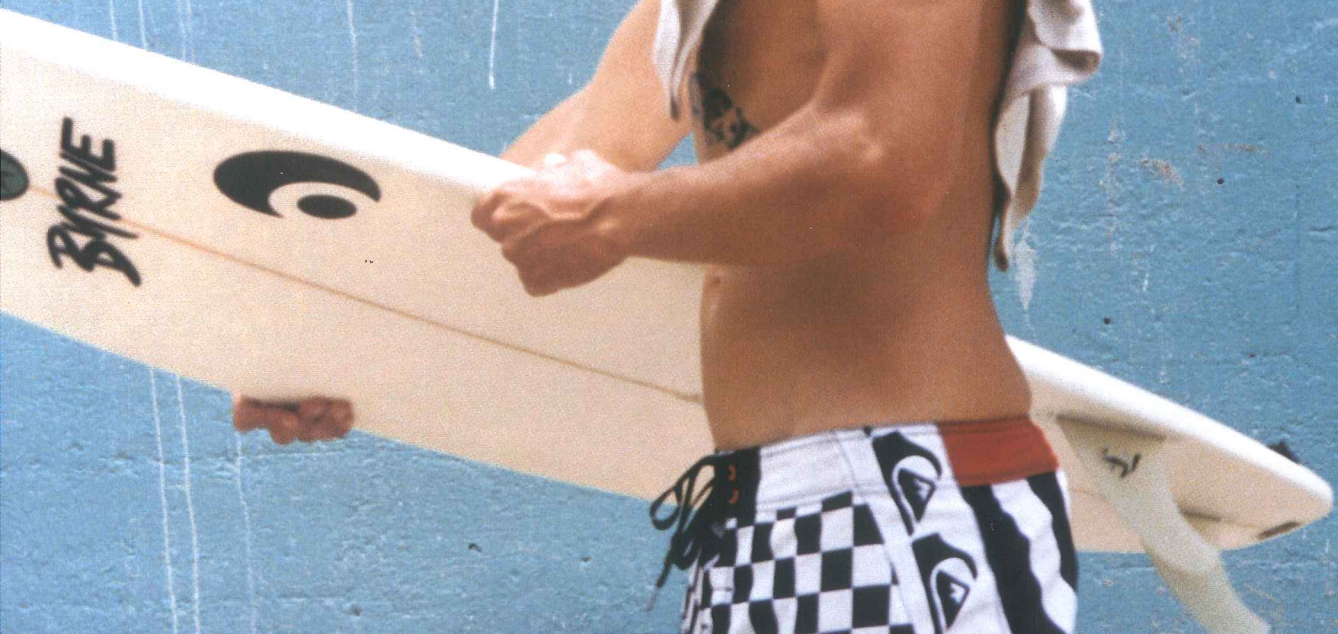
Red Nose SHOES
Cleiton Nunes



www.riodesignbarra.com.br
com@surfinder.com.br
(011) 5851-6848



quiksilver.com



Quiksilver



NEVERMIND BOARDSHORT

DANNY FULLER

OESTE AUSTRÁLIA

por Rosaldo Cavalcanti
fotos Jamie Scott

Ondas grandes, tubarões...

O oeste da Austrália é uma das últimas fronteiras do planeta. Onde dentro d'água ainda é possível surfar sozinho ondas perfeitas, e fora d'água sentir-se como um grãzinho de areia no meio do deserto. Quem acredita que os tubarões não andam em cardumes vai se surpreender ao vê-los rondando a arrebentação dos melhores picos. Quem pensa que o Hawaii é o único lugar onde é possível surfar rebocado em ondas com mais de 20 pés vai ficar chocado com a força, o tamanho e a consistência dos swells que quebram durante o ano inteiro na costa oeste da Austrália.

Saindo de Margareth River em direção ao noroeste, a gente vai subindo a costa e se impressionando com a vastidão e com as enormes distâncias cobertas por estradas bem pavimentadas e sem buracos; com a vida animal, tão abundante seja na terra, seja no mar; e com o potencial de picos como Jake's Point, Gnaraloo ou Bluff. Selvagem e pouco explorado, o oeste australiano é sem dúvida um lugar inóspito, onde os aborígenes aprenderam a sobreviver em condições adversas. Onde a escassez de água torna a vida ainda mais difícil.

Sempre tive curiosidade para conhecer esta parte do litoral australiano. Já tinha estado duas vezes na Austrália, em 1986 e 87, mas, em ambas as ocasiões, visitei a costa leste, onde as ondas costumam ser direitas perfeitas, longas e tubulares. Do tipo que nós, pobres surfistas brasileiros, não estamos acostumados a encontrar no Brasil. Infelizmente nascemos num país que apesar de ter um litoral extenso e muito bonito, em termos de qualidade de ondas deixa a desejar. Se comparado ao australiano... Bem, aí não tem graça. Muito menos comparação. Fundos de pedra, saídas de rio, beach breaks, direitas, esquerdas... Na Austrália quebram algumas das melhores ondas do planeta.



Ondas grandes, tubarões, surfistas... Alex 'Alfy' Ca



Leif Mulik, contemplado em sessão épica de tow-in no Oeste Austrália

O surf é um esporte popular no oeste australiano. De onde saíram surfistas como Ian Cairns, Mitch Thorson e Paul "Antman" Paterson, que construíram suas reputações de big-wave riders nas grandes ondas havaianas. Acostumados ao power do oeste australiano, os três sempre se sentiram à vontade em Sunset, Haleiwa e Waimea.



Esquerdas de Grataloc

Outros surfistas locais, como Dave Macaulay e Taj Burrow, ficaram mais conhecidos pela competitividade e pela habilidade em surfar beach breaks. Esta diversidade de estilos e de surfistas diferentes é uma consequência da qualidade e da variedade das ondas que quebram no oeste da Austrália. Durante muitos anos escutei histórias de ondas perfeitas quebrando em picos desertos no oeste da Austrália. Minha curiosidade aumentou quando conheci Mitch Thorson, um dos melhores e mais destemidos big-wave riders que eu já vi surfar. Mitch me convidou diversas vezes para fazermos juntos uma surf trip pelo oeste australiano. Precisei esperar alguns anos pela oportunidade.

Quando cheguei em Perth pela primeira vez já passava das 11 da noite. É estranho chegar sozinho num lugar que a gente não conhece. Acabei dormindo num hotel perto do aeroporto. Na manhã seguinte, aluguei um carro e liguei para o Paul Patterson, que me explicou como chegar até Margareth River. Paul me aconselhou a partir imediatamente. De acordo com ele, o swell tinha uns 8 pés e um terral fraco iria soprar o dia inteiro. Fui dirigindo sozinho, no outro lado da estrada, até

Margareth, que fica uns 300 quilômetros ao sul de Perth. Depois de três horas e meia dirigindo sem parar pelo lado errado da estrada eu finalmente estava chegando a Surfer's Point, o pico principal de Margareth River. Sempre quis surfar as esquerdas de Surfer's Point. Uma espécie de Sunset ao contrário. Eram por volta das 3 da tarde quando eu avistei pela primeira vez o oceano Índico. Nunca vou esquecer a cor azul do mar e as ondas quebrando na bancada. Meu coração disparou quando vi uma série de seis ondas, com pelo menos uns 8 pés, quebrar perfeita na bancada de Surfer's Point. Deu pra sentir o gostinho da adrenalina na minha garganta.

A região que cerca a bucólica e charmosa cidadezinha de Margareth River é freqüentemente açoitada pelas frentes frias. Principalmente durante os meses de inverno. Uma atrás da outra, elas sobem a costa empurradas por ventos fortíssimos, originados em tempestades geradas abaixo dos "roaring forties".

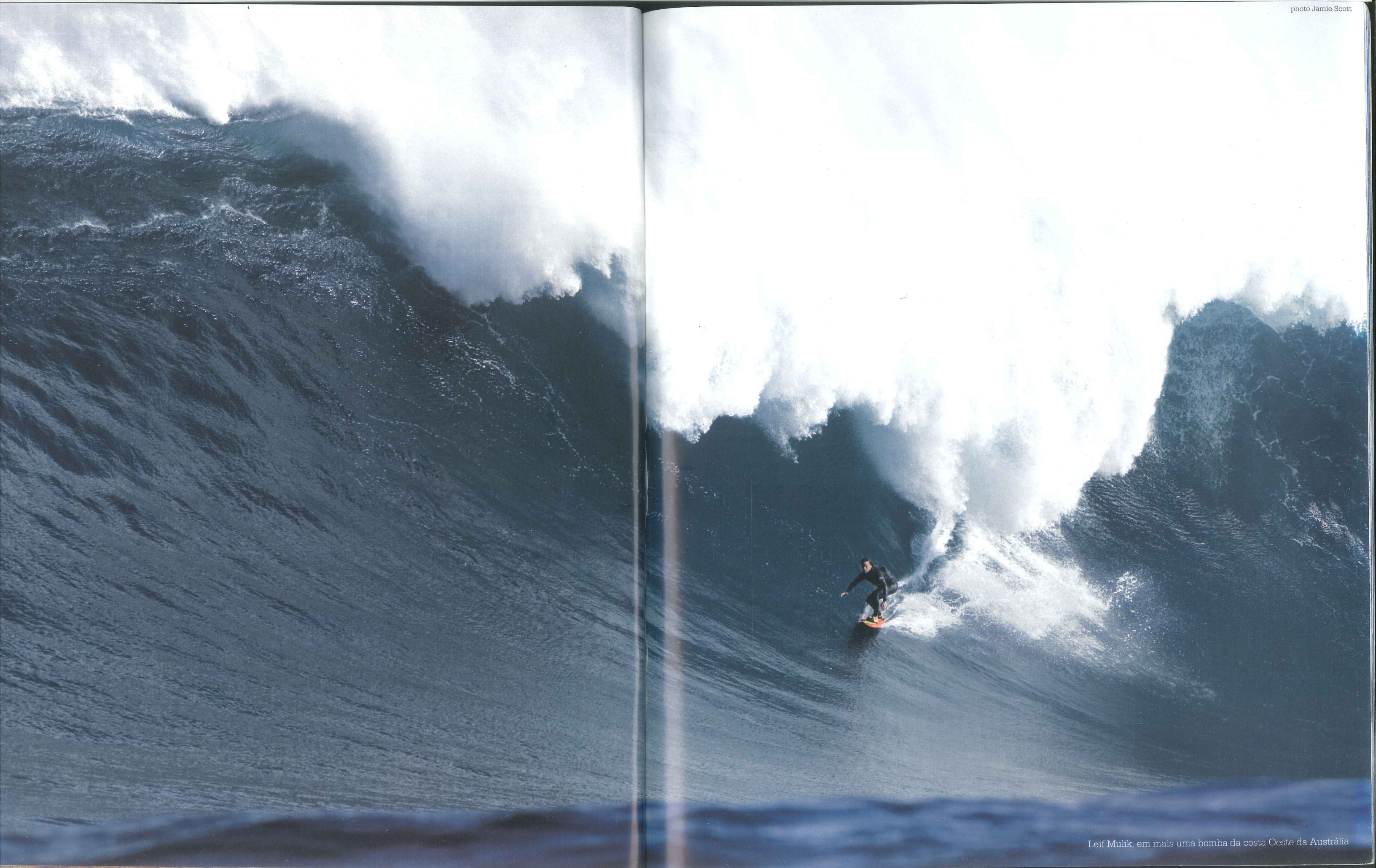
Margareth é rodeada de picos de surf. Direitas e esquerdas que podem variar dos 2 aos 20 pés. Apesar de sempre vermos

nas fotos e nos filmes os surfistas usando roupas de borracha, a água do mar não é tão fria assim nesta parte do planeta. A corrente quente do oceano Índico mantém a temperatura da água variando durante o ano entre os 19 e os 22°C. Qualquer coisa acima ou abaixo disso é anormal. Por outro lado, a temperatura do ar e do vento, que costuma soprar durante a maioria dos dias, torna a região de Margareth um tanto quanto fria durante o inverno. Muitos dias com ondas acima dos 4 pés são desperdiçados por causa do vento maral. Por outro lado, a constância dos swells é impressionante! Eu arrisco dizer que devem quebrar ondas com mais de 5 pés durante uns 350 dias por ano. É difícil ver os picos em volta de Margareth River com um swell abaixo dos 4 pés. Os dias de 10-15-20 pés são freqüentes durante o inverno, quando ondulações com mais de 18 segundos de período sobem a costa oeste australiana como se fosse um comboio de vagões intermináveis...

Olhando a partir do estacionamento de Surfer's Point, onde quebram esquerdas longas, tubulares e poderosas, a gente tem uma visão privilegiada dos demais picos em volta. Southside, também conhecida como Suicides, é o nome da direita que

quebra na bancada de pedra em frente ao estacionamento. É uma onda muito menos assustadora do que o seu nome sugere. Logo depois de Southside ficam dois picos de ondas grandes: Bommie, que pode quebrar com mais de 20 pés, e as longas e poderosas esquerdas de Boat Ramp. Duas ondas que começam a ficar boas quando o swell passa dos 8 pés. São duas ondas difíceis de serem surfadas na remada e que vêm sendo cada vez mais freqüentadas pelos tow surfers da área. O tow-in vem se popularizando entre os surfistas locais de Margareth River. Principalmente nos dias com mais de 15 pés. À direita de Surfer's Point fica The Box, uma das ondas mais fotografadas da Austrália. Suas direitas quebram sobre uma rasa bancada de pedras. O drop é radical e o tubo que vem em seguida é desafiador. Uma onda difícil de ser surfada de back side.

O condado de Gracetown fica cerca de meia hora de carro ao norte de Margareth River. North Point é uma das melhores ondas da área. Uma direita longa, tubular e poderosa, que quebra quando o swell está grande demais para a maioria dos outros picos. Nos últimos anos, uma onda grande conhecida



Leif Mulik, em mais uma bomba da costa Oeste da Austrália

como Cow Bombie, localizada nos arredores de Gracetown, passou a ser mais surfada graças aos jet-skis. Muito exposta aos ventos, ela quebra poucas vezes por ano. Os irmãos Patterson, Jake e Paul, a consideram uma de suas ondas favoritas e sempre que estão na área ficam de olho nas condições. Paul garante já ter surfado ondas com mais de 25 pés havaianas em Cow Bombie. Taj Burrow, Jake e Paul Paterson têm casas na cidadezinha de Yalingup, que fica um pouco mais ao norte de Gracetown. Yalingup significa lugar do amor no dialeto aborígine e fica 250 quilômetros ao sul de Perth. Entre Gracetown e Yalingup existem vários fundos de pedras. Entre eles o consistente Guillotines, com seu nome sugestivo, suas esquerdas longas e direitas tubulares. Um pico onde você vai sempre torcer para encontrar outros surfistas dentro d'água... Simplesmente porque ninguém se sente bem surfando sozinho no meio do nada... num lugar onde todo mundo sabe que não faltam tubarões. Aliás, este é um problema do litoral da Austrália. A quantidade de tubarões é simplesmente impressionante! Principalmente na costa oeste. Onde eles parecem estar em todos os lugares. Brancos, tigres, martelos, bronzes... Surfar em certos picos do oeste australiano requer muita presença de espírito e uma certa dose de sorte e irresponsabilidade. A verdade é que os casos de ataques são raros, mas já ocorreram. Há cerca de três anos atrás um surfista foi literalmente devorado por dois tubarões-brancos enquanto surfava em South Point, uma das melhores e mais freqüentadas ondas de Gracetown. Os australianos sabem da presença dos tubarões em seu litoral e parecem acostumados a lidar com este tipo de situação. As histórias de ataque circulam entre os surfistas, que, de certa forma, preferem ignorar o perigo iminente. Um amigo australiano insinuou que muitas das histórias que ouvimos servem para afugentar o crowd. "Foi uma maneira que encontramos para diminuir o número de surfistas forasteiros na água", comentou antes de emendar numa risada. Na verdade, quando você chega num lugar selvagem como o oeste australiano, onde existe uma abundância de vida selvagem, seja na terra, seja no mar, tem que estar preparado para lidar com certos medos. Ver baleias saltando metros acima da superfície do mar, se deparar com algumas das aranhas mais venenosas da Terra, faz parte da aventura que é uma surf trip por uma das regiões mais isoladas do planeta. Caves Rd liga Yalingup a Port Augusta, sempre ao longo do oceano Índico e de alguns dos mais selvagens picos da região. Entre a cidadezinha de Dunsborough e a cada vez mais sofisticada Margareth River passamos por mais de 20 vinhedos em menos de 30 minutos. Com tantos fundos de pedra, ondas grandes e poderosas, não foi por acaso que o capacete pra surfar foi inventado por um surfista do oeste da Austrália.

Depois de 12 dias em Margareth, explorando o potencial de surf da área guiado pelo Mitch, a chegada de um swell com mais de 15 pés era o que nós estávamos esperando para subir a costa em direção ao noroeste do continente australiano. Mitch convocou um de seus "mates" e fomos os três para Kalbari, onde fica Jake's Point. Uma das melhores esquerdas da Austrália. A minúscula cidade de Kalbari fica cerca de 700



quilômetros, ou 8 horas de carro, ao norte de Margareth River. A estrada principal é quase que uma reta só. À medida que você vai se afastando de Perth a vegetação vai ficando mais seca... quase desaparecendo. Boa parte da estrada passa longe das praias, e eu ficava imaginando a quantidade de picos que se escondem entre Perth e Kalbari. Eventualmente saíamos da estrada principal e nos metíamos por estradas de barro para checar algum pico. Não é à toa que a maioria dos surfistas locais têm carros com tração nas quatro rodas.

Não são apenas as ondas que são melhores na Austrália. As estradas são infinitamente superiores às brasileiras. Rodei de carro por mais de 3 mil quilômetros e não passei por cima de nenhum buraco. Seria cômico se não fosse trágico. Fiquei lamentando o fato da corrupção no Brasil nos furtares de ter estradas melhores, mais investimentos na educação do povo... Enquanto nada disso acontece, nós seguimos pagando cada vez mais impostos e tendo cada vez menos retorno. Os australianos pagam 35% de imposto de renda, mas os investimentos em escolas, hospitais e estradas, enfim, a infra-estrutura do país é coisa de primeiro mundo.

Sobraram poucos lugares no planeta com as características do oeste australiano. Isolado, selvagem, inóspito e com uma fauna marinha repleta de incríveis exemplares. Sem falar nos seus fundos de pedra e nas suas ondas longas, tubulares e perfeitas. A região que fica ao noroeste de Geraldton está lotada delas. Como em Jake's Point, onde o jovem goofy footer local, e excelente tube rider, Rye Craike domina a cena. Jake's me remeteu a algumas ondas que surfei na Indonésia. O visual do pico visto de cima do estacionamento é como um quadro! Dentro d'água, sentado na prancha enquanto espera a série, você pode ver a próxima onda vindo em sua direção, quebrando de uma forma quadrada em cima da bancada. Somente a partir de um certo ponto é possível arriscar o drop, praticamente em cima das pedras. Rye Craike conhece Jake's como ninguém e parece estar sempre no lugar e na hora certa. Excelente tube rider, ele dropa no limite e sabe o momento exato de desacelerar sua prancha para se entocar nos canudos de Jake's. Nos dias maiores Rye sai de trás do pico rebocado por um jet-ski e entra na onda num ponto impossível de se dropar na remada. Depois de vê-lo entubar sem parar por 2 dias seguidos fiquei com a impressão que Rye é um dos cinco melhores goofy footers da atualidade. Mas Jake's é apenas a porta de entrada para uma região mítica no imaginário dos surfistas australianos. Onde as fronteiras parecem não existir. Dirigindo mais uns 600 quilômetros ao noroeste da cidade de Carnarvon, você começa a se aproximar de outras ondas mitológicas. Bluff e Gnaraloo são nomes sagrados. Picos que por muito tempo tiveram sua localização guardada como segredo de estado pelos australianos. De certa forma ainda são. Enquanto alguns australianos tentam de todas as formas esconder o mapa do tesouro, outros parecem tranqüilos e resignados com a possibilidade do crowd estragar mais um paraíso. "Este é um lugar longe de tudo, afastado da civilização. Onde a água é escassa e os tubarões estão sempre rondando o pico. Sem falar nas ondas, que definitivamente não são





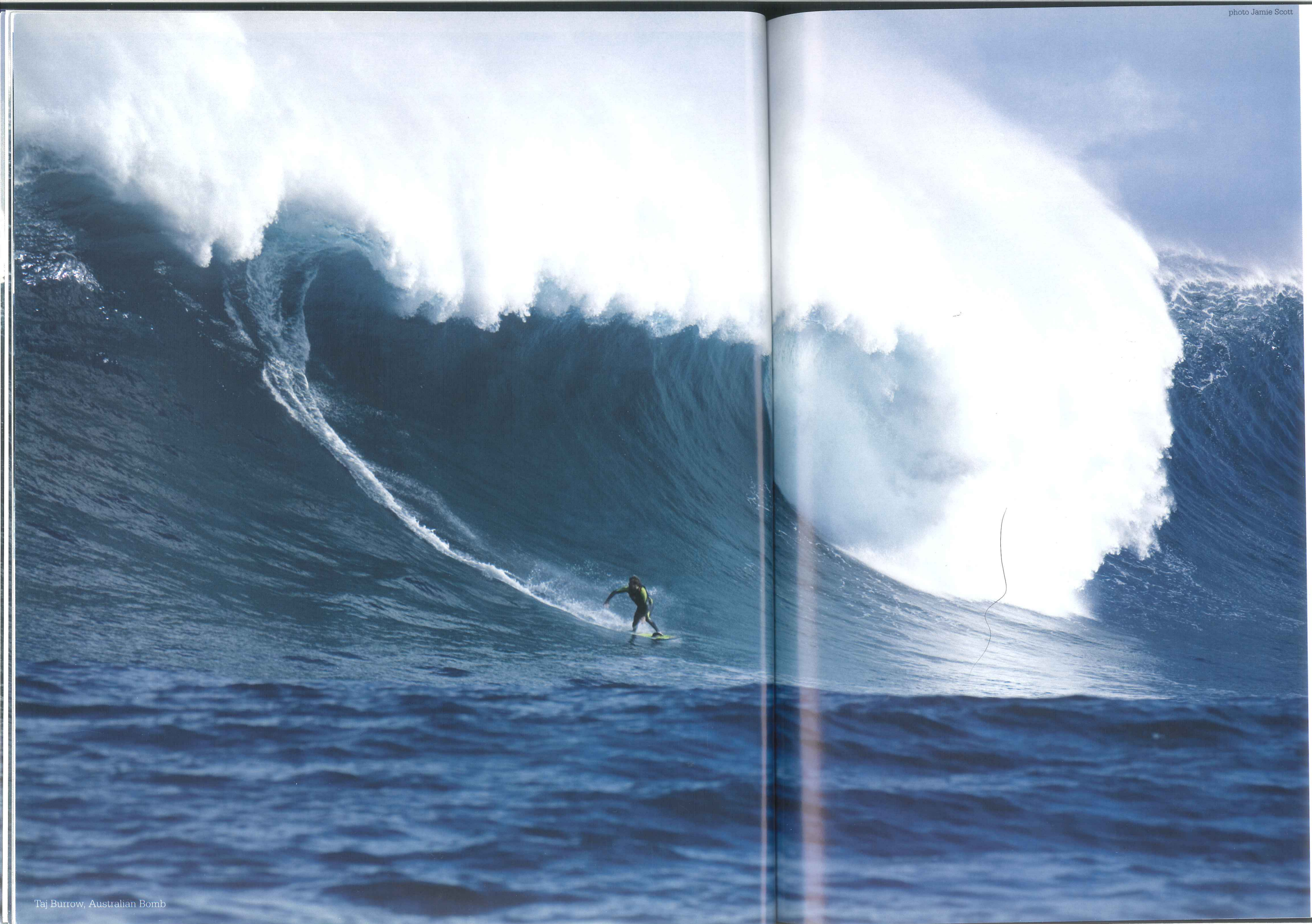
para iniciantes... Quem vai querer viajar meio mundo pra enfrentar tantas roubadas?" Jim Banks é um dos surfistas mais cultuados na Austrália e um dos melhores tube riders de todos os tempos. Um cara que sempre teve um estilo de vida alternativo. Suas performances em Pipeline e G-Land durante os anos 80 viraram lendas. Jim considera Gnaraloo uma das ondas mais pesadas e tubulares que já surfou e vive rondando o pico como um fantasma que some e reaparece de dentro dos tubos.

A costa noroeste australiana é longa e bastante selvagem, mas a população é pequena nas poucas comunidades que a gente vai encontrando ao longo do litoral. O que se vê mesmo é uma imensidão desabitada e grandes espaços vazios. Muita pedra, uma vegetação rasteira e um céu azul cintilante iluminado por um sol que brilha sem parar. As manhãs e as noites são frias, mas o calor vai aumentando à medida que o sol esquenta a Terra. Em lugares como Gnaraloo não existe estrutura. Hotel? supermercado? um barzinho pra matar a sede? um restaurante para comer aquele peixinho fresco? Nada disso. Quem está disposto a encarar a aventura que é

surf no noroeste australiano tem que estar preparado para dormir numa barraca, trazer água e comida suficiente para sobreviver no deserto e ter um bom quiver de pranchas para enfrentar ondas rápidas e pesadas. Ah, eu até ia esquecendo, também não pode ter medo de tubarão. O oeste australiano é um lugar onde você vai se sentir tão pequeno e insignificante como uma formiga, mas que vai lhe proporcionar momentos de profunda sintonia com a natureza, de comunhão com Deus. Pretendo voltar em breve. Uma viagem só é pouco pra explorar uma região tão grande, rica e selvagem. Para surfar todas as suas ondas então... Uma vida só é pouco.



Damon Eastaugh na sequência e tubo



Taj Burrow, Australian Bomb



Jeremy Eagleton, estilo e pressão em Margaret River



Gnaraloo



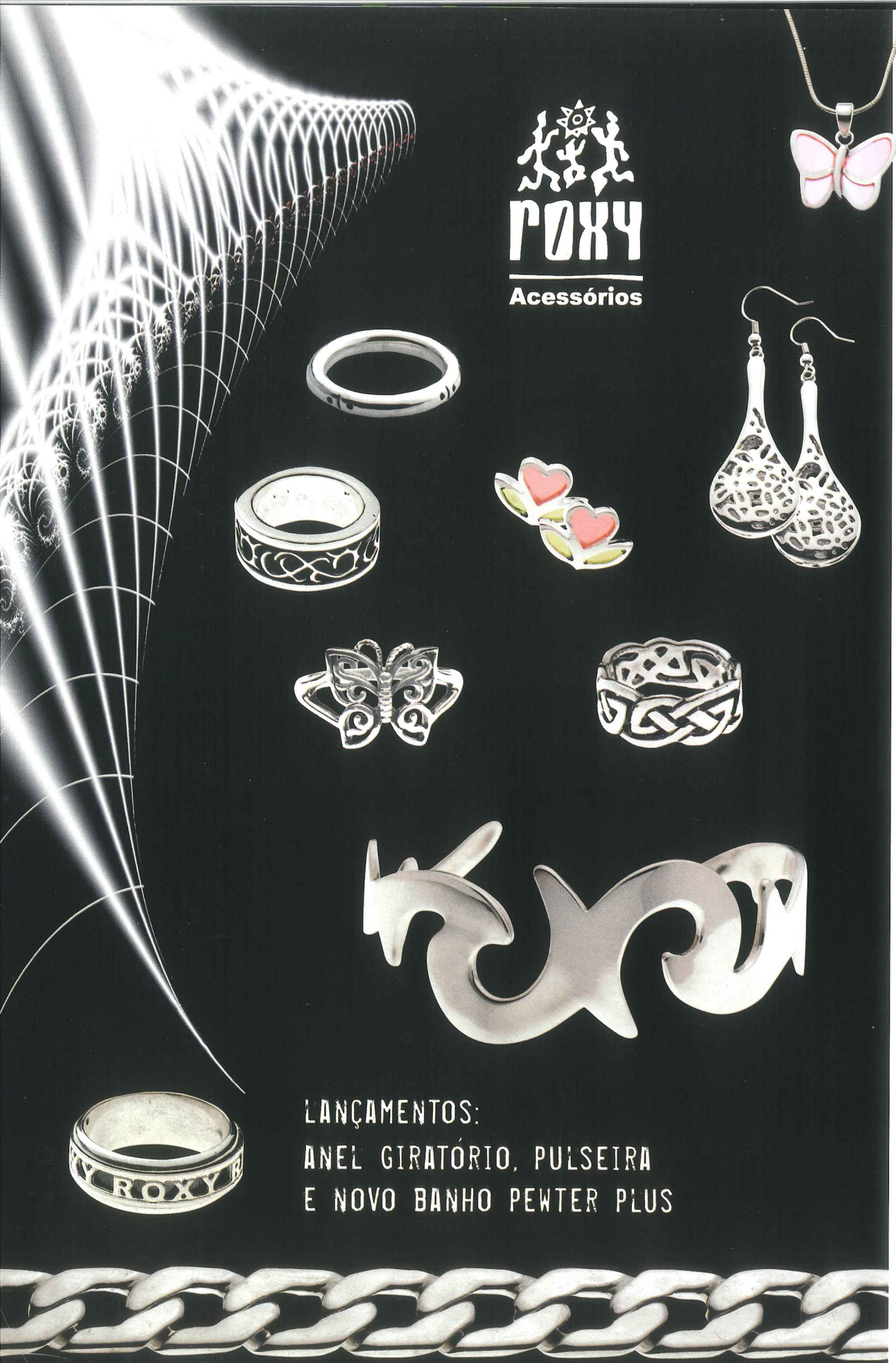
The Point



cilindro Austrália



Esquerda de Gnaraloo, Rye Craike

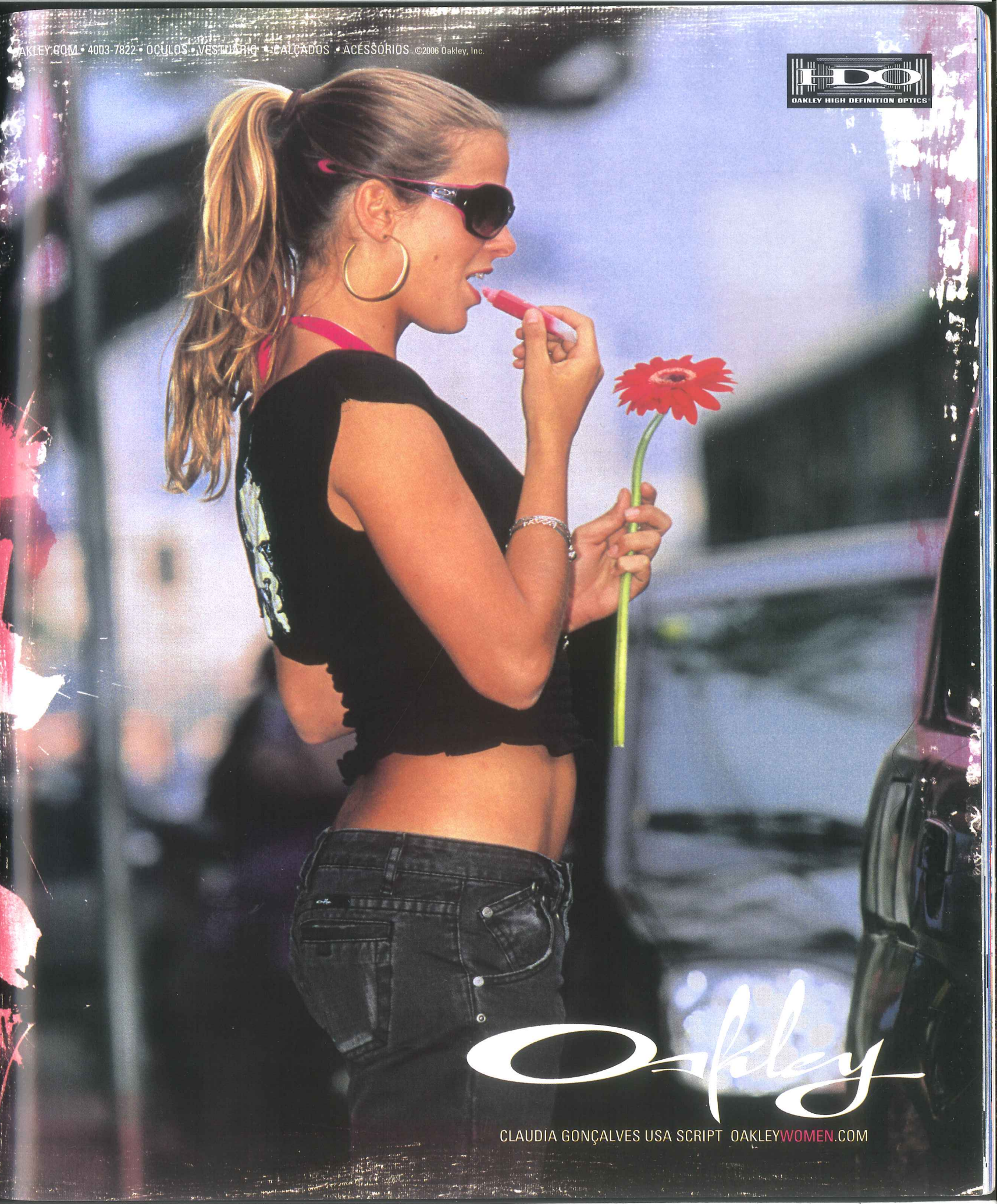


ROXY
Acessórios

LANÇAMENTOS:
ANEL GIRATÓRIO, PULSEIRA
E NOVO BANHO PEWTER PLUS

WWW.ROXYSHOP.COM.BR  **LOJA VIRTUAL: WWW.LOJASURF.COM.BR**

Fotos: Paulo Camargo



OAKLEY.COM • 4003-7822 • OCULOS • VESTUÁRIO • CALÇADOS • ACESSÓRIOS • ©2006 Oakley, Inc.



Oakley

CLAUDIA GONÇALVES USA SCRIPT OAKLEYWOMEN.COM

ARRIBA SIGNIFICA EM CIMA.

ABAJO SIGNIFICA EMBAIXO.

DEPOIS DE ALGUNS CALDOS VOCÊ PEGA O JEITO.)

NIvana
SUPER TRIPS

Venha para o México e conheça

um dos maiores Beach Breaks do planeta,

onde os melhores tube riders do mundo passam suas férias.

E de quebra, você ainda ganha uma aula

de história e cultura, visitando os

sítios arqueológicos das civilizações Maia e Asteca.

FischerAmérica

Consulte outros destinos (11) 3256-1590 www.nivana.com.br

México

Muito além do que você imagina
www.visitmexico.com



TOW-IN

história de Danilo Couto
fotos de Edwin Morales



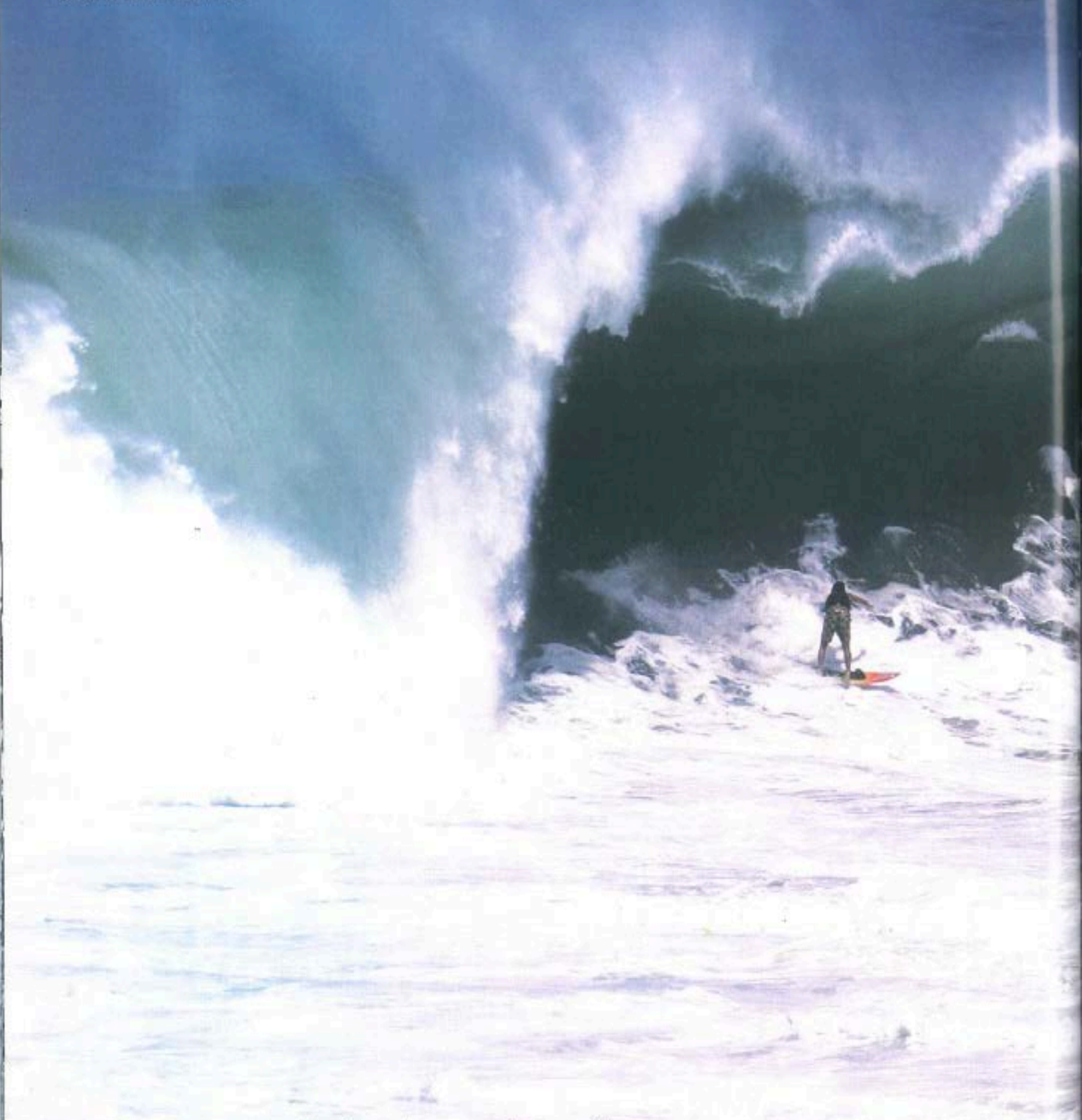
Danilo Couto, com esse expresso em Zicatela, transita entre o sonho e o pesadelo



PUERT
ESCONDID

TOW-IN

história de Danilo Couto
fotos de Edwin Morales



Danilo Couto, com esse expresso em Zicatela, transita entre o sonho e o pesadelo



PUERTO ESCONDIDO



Tow surf: a seqüência que levou Danilo Couto ao céu no México



Sempre escutei histórias de Puerto Escondido. Ondas de respeito, rápidas e tubulares de drop insanos. Muitas vezes sem conhecer o pico desdenhava; dizia que "o fundo é de areia, fecha tudo". E é mesmo, só que desta vez, encarei um swell de sonhos, e pesadelos.

Na noite anterior ao grande dia, o swell entrou forte e já balançou o mar, provocando uma ressaca que destruiu barracas na praia, espantou surfistas e invadiu restaurantes e pousadas localizadas nas encostas do pico. Eram bombeiros pra lá, polícia e defesa civil para cá, um corre-corre danado, alguns afoitos até discutindo a possibilidade de um tsunami. Imagine dormir assim. A ansiedade provocada pelas circunstâncias e pensando no que seria o surf do dia seguinte, me deixava cada vez mais adrenalizado, pois percebi que com aquele alvoroço todo, seria um surf de botar para dentro.

Mas a história começou bem antes. Eu estava no Hawaii, recém chegado de uma temporada no Tahiti, relaxado numa época de 8 pés plus, verão e sem crowd. Quando recebi um e-mail

do parceiro sulista Zeca Scheffer, organizador do primeiro campeonato de tow-in do Brasil, comunicando a possibilidade de rolar o evento em 3 dias. Motivado, logo fui tirar a passagem com destino ao Brasil e, para minha surpresa, não havia vôo que me levasse ao encontro dos irmãos brasileiros. Visto a dificuldade, só que sem perder a calma, comecei a vasculhar às possibilidades e a calcular a estratégia com destino Brasil, mesmo que para isso eu tivesse que dar a volta ao mundo para chegar ao Farol de Santa Marta, em Santa Catarina.

Inserido numa conspiração, acabei num avião com escala programada no México, e, como eu já sabia da existência de um swell gigante que se formava no Pacífico Sul e que avançaria para cima de Puerto, não pensei duas vezes: "tenho que ir ao encontro das mortas mexicana".

Nessa via México, preparei meu quiver de pranchas para encarar as 'escondidas' e, é claro, levei minha tow board debaixo do braço, já que tinha muitos planos para o surf de reboque. Ao parar no aeroporto de Dallas, USA, liguei para

o Zeca para saber se as ondas quebravam para cima da Laje de Jaguaruna, Laguna – local escolhido para o I Mormaii Tow-In Pro –, quando o mesmo Zeca me informou que a ondulação havia perdido força não oferecendo condições para a competição acontecer, pelo menos naqueles dias.

A essas alturas eu só pensava no México e decidi encaixar as milhas de viagem e ficar algum tempo em Zicatela, com objetivo de passar os quatro dias do swell mexicano em pleno pico. Já que era minha primeira vez em Puerto Escondido, liguei para o amigo Aldemir Calunga e coletei com o bichão, um exímio conhecedor do local, informações para encarar as ondas.

Quando cheguei à praia avistei 8 pés perfeitos e para minha satisfação acabei informado de que o big rider Skin Dog chegava da Califórnia com jet e todos os equipamentos necessários para o surf de reboque. Skin, um grande amigo, me avistou com um sorriso no rosto e logo foi dizendo em alto tom: "Right on Dani boy... Lets tow tomorrow. Huge Puerto, my friend". E eu pilhado na espera das gigantes emendei; "right on too

skinny boy". Era um bom presságio. No dia seguinte, ondas de 12 pés subindo rapidamente transformavam o cenário e deixava a atmosfera cada vez mais animal. Eu e o Skin fomos aquecer treino em um secret próximo para entrar a puxada para o big day. Na volta dessa sessão encontramos o casca-grossa Coco Nogales, surfista mexicano conhecido por sua coragem no tow, que estava acompanhado pelo fotógrafo de prontidão, Edwin Morales.

O Mar atingia sua fúria como nunca visto antes, deixando todos impressionados com a força do swell, que atingia 25 pés 'havaianos', gigante de consistência e muita violência. Como disse no início, a água salgada invadia e destruída toda a orla marítima fazendo com que a população local e, até o prefeito, veja só, debandassem para outros locais mais seguros. O primeiro dia balançava muito e aumentava a ansiedade dos surfistas, empurrando o surf para o dia seguinte, onde todas as previsões orientavam para o tow surf. Quase nem dormi tamanha adrena, e quando preguei os olhos num cochilo, logo fui acordado pelo hermano Skin Dog balbuciando palavras que me fizeram despertar num piscar.



Coco Nogales, big rider local, põe seu conhecimento a prova num dos maiores mares já vistos em Puerto Escondido





baía de Zicatela, México

O dia 19 de junho de 2006 entrou para a história de Puerto Escondido. Mar liso perfeito e claro e ao mesmo tempo pavoroso, com a maioria das ondas fechando e algumas outras poucas puritanas abrindo, para deleite dos big riders e amigos ali presentes in México. A primeira sessão de tow aconteceu com 18 pés de face, com direitas e esquerdas de cinema que quebravam como mágica. Tubos, paredes gigantes e caldos monstruosos compunham o quadro de euforia e força do oceano. A única saída nas poucas ondas surfadas eram os túneis, numa sessão onde muitos resgates foram feitos no limite do aceitável.

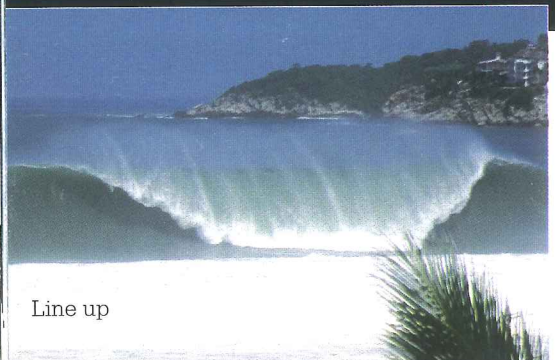
A força da natureza era tão intensa que, em um dos caldos, depois de ser sugado por um tubo cavernoso e grande, passei o maior perrengue na máquina de lavar Puerto Escondido. Após tomar uma bomba na cabeça – rezei muito embaixo d'água pedindo para que Deus não me levasse naquele momento, já que pensava muito em minha filha ainda pequena –, fui arrastado muitos metros à adiante no espumão. Ao submergir e dar aquele típico respiro salvador, saí arrastando-me e cuspidando e escarrando areia grossa que vinha do interior dos meus pulmões. Ufa! Uma conspiração do bem e um surf de gala que, como na vida, tudo pode acontecer, vitórias ou derrotas. Agora, com mais uma experiência e mais quilômetros no tow surf, aumentando minha busca, o futuro é procurar por outro big swell, seja ele no México, no Brasil, no Tahiti ou no Hawaii, com a certeza de que ainda há muitos limites a serem quebrados, com a ajuda do corpo, da mente, da máquina e dos deuses... Só de ver essas fotos e lembrar da situação mexicana, fico todo arrepiado...







Coco Nogales, neste drop veloz, e na continuação da onda na página ao lado, desafia o sonho Zicatela



Line up



Danilo Couto feliz da vida no México



Turbilhão



Coco Nogales



Skin Dog



KUSTOM

JOEL
PARK  NSON



PIERCE

marketing@kustomfootwear.com.br

Fits You better

Central de Vendas: 55-11-5061-0688



TOW-IN

JAGUARUNA

I MORMAII PRO



Texto Adriano Vasconcellos

Fotos Chris Arlington

Nos dias 28 e 29 de junho de 2006, ondas de 15 pés com direcionamento sul e ventos ora nordeste, ora sul avançam para cima da laje de Jaguaruna – localizada a 5 quilômetros da praia de Arroio Corrente, no município de Jaguaruna, próximo ao Farol de Santa Marta (já em Laguna), extremo sul do litoral de Santa Catarina, Brasil. Montados sobre jet-skis, 14 duplas de tow-in, a grande maioria formada por brasileiros já conhecidos por vitórias e conquistas em templos de ondas grandes situados fora do país, duelam num dia de esquerdas grandes e clássicas e outro de direitas rasas, pesadas e tubulares. Estrutura funcionando, equipes de resgate a postos, barcos ligados, disposição dobrada, imprensa focada. Tudo pronto. Um marco para o surf nacional, acontece o I Mormaïi Tow-In Pro, primeiro campeonato de tow-in do Brasil. Com esse cenário, os tow-in surfers Carlos Burle e Eraldo Gueiros venceram o embate com a natureza e os próprios limites, só que desta vez em águas brasileiras.

Tow surf: Carlos Burle na onda e Eraldo Gueiros na puxada, campeões do I Mormaïi Tow-in Pro


mormaïi



os no tubo vencedor...



...sente o gosto da vitória ao virar a bateria final do primeiro campeonato de Tow-in do Brasil

Surfistas com bagagem no tow, os pernambucanos Burle e Eraldo viraram a bateria derradeira nos instantes finais do Tow-In Pro e, com merecimento, faturaram os R\$ 18 mil oferecidos aos campeões e entraram para a história do surf nacional como a primeira dupla a vencer o primeiro evento oficial de tow-in realizado em águas brasileiras.

“Surfar lajes como a de Jaguaruna nos dá mais gás para continuar a busca no Brasil. E apesar de as ondas não terem quebrado monstruosas sobre a laje, Jaguá proporcionou uma bela sessão de tow-in em pleno território nacional, pois o desafio pode estar bem mais próximo do que se imagina”, diz Eraldo, campeão do evento que, rebocado por Burle numa direita cracuda, tomou o título das mãos dos paulistas Jorge Pacelli e Haroldo Ambrósio, dupla que havia liderado a maior parte da bateria final e faturou R\$ 5 mil pelo vice. Eraldo Gueiros deslizou no impossível e conseguiu passar por dentro de um canudo que fechava à sua frente. O pernambucano agüentou o peso do lip, e com postura ressurgiu através da espuma de massa d’água que estourava sobre suas costas. “Entrei com velocidade e consegui manter a disposição para entubar e completar o tubo. Fui com confiança e determinação, e por Deus vencemos o campeonato. Eu e o Burle voltamos para casa cheios de planos. Vejo a competição como uma forma muito boa de evoluir, pois é na pressão que você põe seu conhecimento à prova. E se sentir em casa é maravilhoso, ainda mais ganhando o campeonato. O evento abre uma possível era de campeonatos de tow-in no Brasil.”

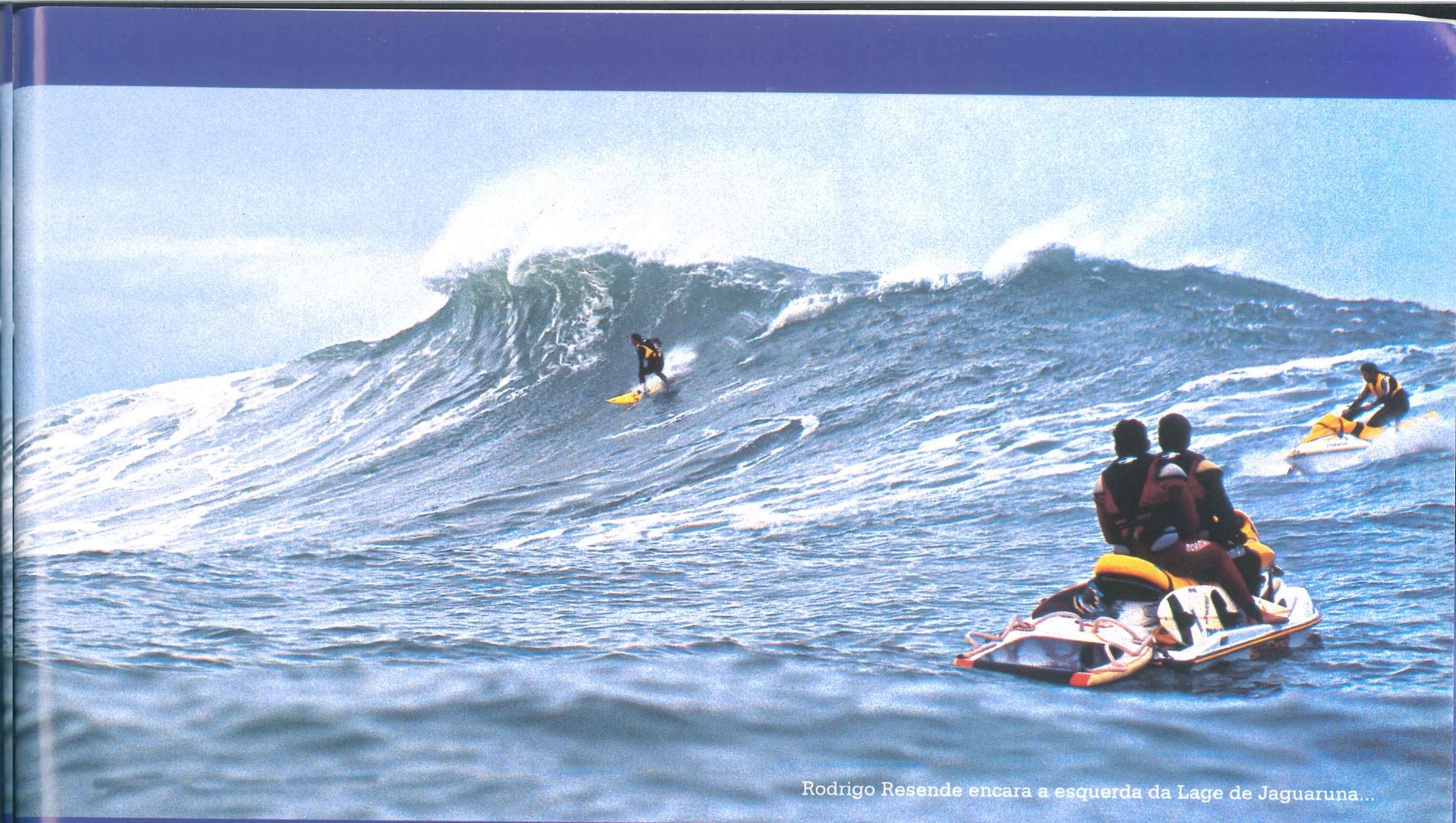
Na estréia do I Mormaii Tow-In Pro, o swell entrou de sul com influência de sudeste, ventos fortes, e, como dizem os locais, o mar estava cheio de cabeças-d’água, ressacado, gerando esquerdas que alcançaram 15 pés de face, condição que proporcionou um show de surf, paredes grandes e resgates valentes, satisfazendo surfistas, pilotos, organizadores e a mídia, que estava no ar, na água, nos barcos e nos jets. No segundo dia o swell mudou um pouco para leste, e o vento soprou moderado, alinhando as ondas, só que do outro lado da laje, lugar temido que possui o registro de 27 naufrágios, onde rodaram direitas respeitáveis no palco ideal para as disputas das semi e das finais. A direita de Jaguá quebra sobre a parte mais rasa da laje, com muito mais impacto e perigo. Ondas na casa dos 10 pés de massa d’água explodiram ali, proporcionando ótimos momentos a todos os presentes naquele dia único.

Zeca Scheffer, um dos principais organizadores do Tow-In Pro, além de pegar boas ondas demonstrou total conhecimento da região, tanto no surf como no reboque, e na operacionalização e logística do evento, transformando em realidade o primeiro campeonato de tow-in no Brasil. De quebra Scheffer ainda participou dos melhores momentos do primeiro dia de disputa, após realizar reboques perfeitos e deixar seu parceiro João Capillé em algumas das maiores ondas da sessão.





Haroldo Ambrósio, conquista credencial de vice-campeão do Tow-In Pro Brasil



Rodrigo Resende encara a esquerda da Lage de Jaguaruna...



... Mosters é pioneiro do surf de reboque

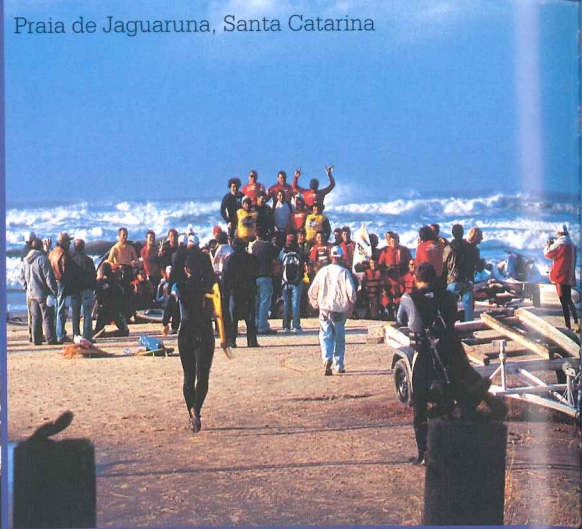
Marcel e Jacaré, juizes do Tow-In Pro



Rodrigo Resende e Danilo Couto: Brasil



Praia de Jaguaruna, Santa Catarina



Rodrigo Resende



Eraldo Queiroz, Carlos Burle, Thiago Jacaré, André Pacelli e Haroldo Ambrósio, póda campeã

Yuri Soledade desenha direita da Laje



Zeca Scheffer, ação Jaguaruna

Big-rider gaúcho, Zeca se multiplicou nas funções. Além das já citadas, cuidou da divulgação e principalmente do monitoramento do swell, coordenando os surfistas no grande dia. "Nós tínhamos apenas mais dois dias para encerrar o prazo de espera para a realização do campeonato, e já estávamos preocupados. Foi quando uma ondulação gerada na Tasmânia veio com média intensidade, salvando todo o trabalho de anos, pois esse projeto começou há um bom tempo, em meados de 2002, e só agora foi possível realizá-lo", disse emocionado o principal rastreador de lajes no Sul do Brasil.

e Dê da Barra, Alemão de Maresias e Romeu Bruno, Daniks Fischer (que pegou um tubaço no primeiro dia) e André Barcellos, Renato Phebo e Fabiano Tissot, Everaldo Pato e Sylvio Mancusi, Alex Miranda e Flávio Boca, Adriano Matias e Tadashi, Fantinha e Ricarco Amassado, Saulo Lyra e Marcelo Ulyseea, entre outros 'surfistas não identificados' que estavam presentes nas free sessions no pico e colocaram para baixo nas ondas e para dentro dos tubos de Jaguaruna.

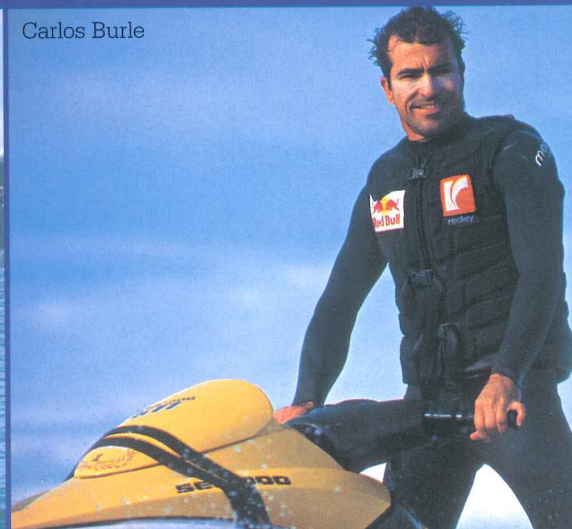
Quando apontou o swell nos mapas de previsão, a Atow-inj (Associação de Tow-In de Jaguaruna), comandada por Thiago Nunes, o popular Jacaré, junto de Zeca e sua equipe, começou imediatamente a convocar os atletas a se dirigirem à praia ao lado do Farol de Santa Marta. "Nós tínhamos uma janela de 75 dias, e por diversos motivos o campeonato não estava rolando. De repente, entrou um swell que oferecia condições mínimas para o Tow-In Pro acontecer. A ondulação acabou ganhando pressão até chegar à laje, e o que se viu foram várias cabeças-d'água", emenda rindo o Jacaré, que possui uma surf house na frente da laje de Jaguá, ao lado do Farol de Santa Marta. "Concretizamos o sonho de realizar o primeiro campeonato oficial de tow-in no Brasil", conta cheio de orgulho o surfista, que nasceu nessa região e ainda revela que, para ele, que cresceu ali, praticamente isolado em Santa Marta, é inacreditável que o encontro tenha acontecido em Santa Catarina. "Quando me dei conta, todos os melhores tow-in surfers do Brasil estavam ali, numa sinergia única e inesquecível. Vamos falar desse momento para o resto da nossa vida. Foi como um sonho."

Já na praia, em areia firme e em meio a comemorações pessoais e coletivas, todos estavam extasiados com o acontecimento e a irmandade da comunidade tow-in surfer brasileira, onde, como de costume, um forte, quente e esperto cafezinho feito pelo folclórico Bin Laje, secretário da Atow-inj, confraternizou todos os amigos. Agora, é fomentar o esporte e incentivar a regulamentação de uma legislação cabível para a prática do tow-in, para que venham as séries e que nossos ídolos tenham condições de acelerar fundo nas muitas lajes espalhadas pelo país. Parabéns, tow-in surfers! Parabéns, tow-in Brasil!

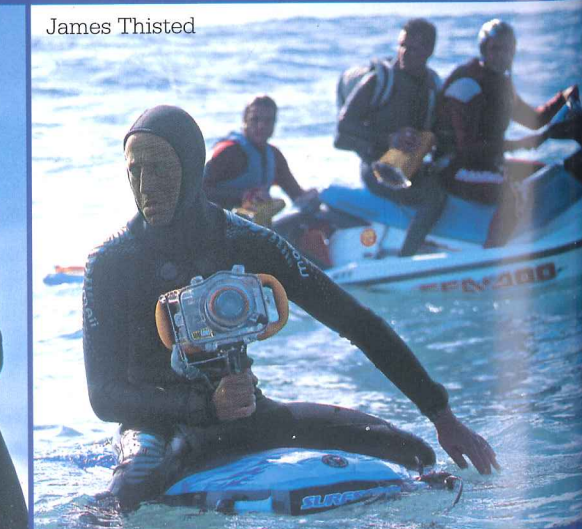
Jaguá



Carlos Burle



James Thisted



Os big-riders brasileiros estavam em peso em Jaguaruna. Além de Burle e Eraldo, Pacelli e Ambrósio, Scheffer e Capilé, aceleraram os motores as duplas Danilo Couto e Rodrigo Resende, que receberam R\$ 3 mil pela terceira colocação, Daniel Salvagini (da Argentina) e Yuri Soledade, que levaram R\$ 2 mil com o quarto lugar, mais os surfistas Luis Roberto Formiga



Santa Catarina

Zeca dropa a montanha na esquerda da Laje...



... e cava numa direita do segundo dia



Zeca Scheffer, Tow-in Pro Brasil



Scheffer organiza os trabalhos de entrega do plano de manejo para ilha dos Lobos, e posteriormente para outras lajes junto ao Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). "Incentivamos a produção de uma legislação para os picos, para que sejam usados de forma sustentável. Nós, da ATG e da Storm Surf Team (equipe de tow-in liderada por ele), não buscamos só a onda em si. Buscamos colocar o Brasil no mapa das grandes ondas mundiais, criando uma temporada nacional de tow-in e dessa forma fomentando o turismo local, já que ondas não nos faltam para realizar esse sonho."

Zeca Scheffer, a alma tow do Sul

O sucesso do primeiro campeonato de tow-in do Brasil foi creditado a um conjunto de fatores e pessoas. Um homem foi apontado como o grande responsável pela realização do evento. José Luís de Matos Scheffer, 31, o conhecido Zeca Scheffer, foi bastante valorizado por todos e recebeu muitos cumprimentos por sua determinação e audácia em atingir o objetivo. Reconhecido por buscar e descobrir lajes para a prática do tow-in no Sul do país, Scheffer também é famoso por sua coragem em dropar as ondas que ele mesmo desvenda.

Surfista bem instruído, torcedor do Grêmio nascido em Torres, Zeca diz que provavelmente ainda não conhece nem a metade das lajes que existem na faixa litorânea dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. "Já descobrimos muitos picos por aqui, mas eu não gostaria de falar em números, pois os críticos do tow não acreditariam. Me chamariam de mentiroso por não haver registros fotográficos, já que muitos me rotulam de louco", explica o perseverante surfista. "Ainda há muito a procurar, pois opções não faltam. Depois da temporada de ondas no Tahiti e no Chile, vejo a costa sul do Brasil como a mais promissora para o tow-in", diz Zeca, que, além de ser presidente da AGT, Associação Gaúcha de Tow-In, realiza muitos outros trabalhos ligados ao oceano.

Zeca exerce um interessante trabalho voluntário junto ao Corpo de Bombeiros e aos municípios. É o Jet Patrol, unidade de resgate civil que colabora com os bombeiros, inclusive fomentando cursos à corporação devido ao tamanho do seu conhecimento. "Já efetuamos 751 resgates, alguns até noturnos, nesse trecho de mar conhecido por incidentes náuticos causados pelas fortes correntes que arrastam tudo o que vem pela frente. Colaboramos com os bombeiros, que muitas vezes não têm formação para esse tipo de situação nem mesmo estrutura para resgates em alto-mar."

Mas, com já foi dito, o principal foco de Scheffer, segundo ele próprio, é o Slab Search, projeto de descobrimento de novas lajes e sua catalogação para o estudo das condições necessárias para o surf. "Desde 2001, depois da descoberta da ilha dos Lobos, começamos a escutar os pescadores e suas lendas, a pesquisar fatos históricos e geológicos, a fazer visitas embarcadas e mergulhos nas lajes, além de, claro, desenvolver uma forma segura de frequentar os picos revelados, sempre respeitando a APA (Área de Proteção Ambiental) da Baleia Franca, que pertence ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação, já que, sem preservação e cuidado, não se tem surf."

Zeca é considerado o grande articulador do tow-in do Rio Grande do Sul e soma conquistas relevantes em seu histórico como surfista. Foi o primeiro a surfar na remada e no tow-in na ilha dos Lobos, em ambas as vezes acompanhado do big-rider carioca Rodrigo Resende. O primeiro a encarar no braço (2003) e no tow a laje de Jaguaruna, pico que num primeiro momento recebeu o próprio nome do big-rider, chamado naquela época de laje do Zeca. Além de muitas outras conquistas.

fotos Christopher Arlington / uderwear



Zeca Scheffer, em momento de alegria e trabalho na Laje de Jaguaruna

A ÚNICA COISA QUE TODO MUNDO TEM EM COMUM É A DIFERENÇA.

SE ISSO É SER LOUCO, ENTÃO SÔLOCO.

SÔLOCO 

QUAL É O SEU SONHO?

A HD vai bancar uma trip para HAWAII + uma mala cheia de produtos HD para realizar o melhor sonho havaiano.



Para participar, descreva seu sonho em até 30 palavras e envie junto com um TAG de um produto HD para Caixa Postal 13810 CEP: 01216-970

CONFIRA O REGULAMENTO NO SITE WWW.HAWAIIANDREAMS.COM.BR

 111 3357 3900

Hawaii Dreams 

“surf cósmico”

Por Taiu Bueno

Mar de sonho e nuvens negras

Hoje acordei com o meu mar interior perfeito.

Ao despertar, dou uma grande risada, lembrando das ondas que havia surfado no meu sonho... Olho para o lado e ali se encontra ainda dormindo a minha gatinha, a bela Diana. Quando a sua esposa é a pessoa que, durante as paqueras, você fazia qualquer coisa para estar ao seu lado, como consequência, quando ela se torna a sua companheira, parceira e esposa, a vida se torna mais simples e com mais muito mais sentido. Respiro. Não demora muito e ela desperta e sorri, contemplando seu abrir e fechar de olhos com uma cochilada no meu cangote.

Com o nosso barulho, quem também acorda é o nosso filhote de golden retriever, a Lana, que não consegue parar de festejar e de dar lambidas e abanar o rabo.

Olho para o horizonte e vejo a imensidão do mar na minha frente, brilhando com o sol da primavera. Olho uma onda perfeita quebrando... rolando o maior tubo, e, no final, ela, a onda, solta aquela baforada, dando um show particular só para mim, que a estava acompanhando naquele momento único. Hoje é um daqueles dias que parece que tudo está em sintonia.

É o nosso oceano interno funcionando perfeito, onde as melhores idéias nascem e as grandes conquistas evoluem ou se concretizam. Mas o mundo é equilibrado, e onde há luz, existe o escuro para contrapesar na balança. Mas no decorrer das horas um estranho vento maral começa a soprar e uma nuvem escura fica na frente do sol.

O brilho perfeito do bonito dia é ofuscado por aquele momento de contradição. Porém, não me abato. Continuo firme, acreditando no meu caminho e superando as adversidades. Eu quero mais é curtir, surfar a onda perfeita da vida, fazer a linha certa e finalizar com uma manobra expressiva.

As dificuldades, as vibes erradas, os obstáculos, o tempo fechado e o forte maral, assim como o terral, fazem parte da vida cotidiana. Saber lidar com essas peculiaridades reais e principalmente conseguir vencer e superar, e atingir o objetivo, realizar o plano e conquistar a missão, não é tarefa fácil para ninguém, e é por isso que existe um seleto grupo de poucos vencedores.

Não desviar o foco da rota traçada pelo nosso coração, deslizar pelo próprio destino, criar condições e saber contornar e superar os obstáculos, é o que torna a vitória da vida verdadeira, gratificante.

Mantenha-se e cuide bem do seu oceano interior... Go for it...

ALOHA

TAIU

A guerra na Nicarágua acabou faz tempo.
Mas as ondas continuam bombando por lá.

Nicarágua Popoyo Surf Lodge



A **The Surf Travel Co** preparou **pacotes exclusivos** e completos para o Popoyo Surf Lodge.

Os pacotes incluem passagem aérea (**todos os trechos**), acomodação, alimentação, todos os traslados e transportes para os picos de surf acompanhado dos guias locais (**barco/carro 4x4**). Assim você só precisa se preocupar em surfar.

“Nós sabemos onde e quando”

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP
cep.04088-001 - Tel/Fax : 55 11 5052-4181
surftravel@surftravel.com.br - www.surftravel.com.br

THE SURF TRAVEL CO

Apoio: Delta Air Lines

ASSIST-CARD

TACA

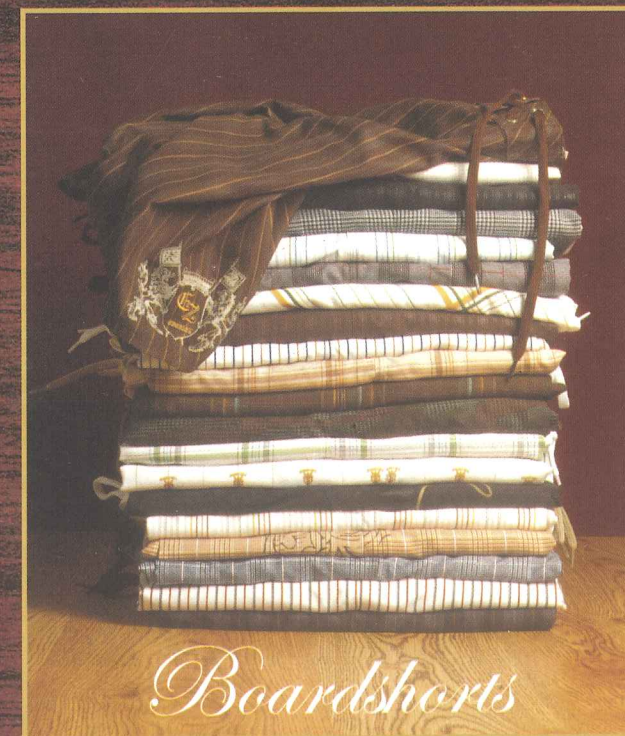
Created By A Higher Source



SEAN PETERSEN



ezeielusa.com



Boardshorts

GRANDE SP (Surf trip) SJC (Sun Peak) GUARUJÁ (The Box) RJ (Boards Co. * In Surf)
RS (Trópico * Callôhã * Tow In * Rezzumo) SC (J' Bay * Sul Nativo) MG (Jaws) GO (Eventus) PR (30 Pés)



OSKLEN

compt